

S U M Á R I O

65 — Alvissaras...

66 — Melhor Presente é a Paz — PAULO VI

71 — Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no
Mundo de Hoje (parte)

107 — Vida Religiosa: Caminhos de Renovação --
FREI CLAUDIO VAN BALEN, O. Carm.

122 — Note e Anote

*Seção feminina no Instituto Pontifício de Música
Sacra*

*Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para
a América Latina*

124 — CRB Informa

125 — Recensões Bibliográficas

Alvíssaras...

NO dia 9 de dezembro fomos surpreendidos por notícia sumamente agradável. O Santo Padre Paulo VI destinava o Padre Tiago G. Cloin, Secretário-Executivo da Conferência dos Religiosos do Brasil, para Bispo de Barra do Rio Grande, na Bahia.

A PALAVRA "surpreendidos" não diz bem quando nos referimos à notícia desta elevação. O episcopado do Padre Tiago foi uma defluência de seu amor à Igreja e de sua dedicação à causa da pastoral no Brasil. As palavras de um ilustre Prelado cumprimentando o Padre Tiago traduzem os sentimentos que certamente todos sentimos: "Sua dedicação à Igreja no Brasil se completará agora ainda melhor".

SÓ nos resta dizer ao Padre Tiago que o acompanharemos com nossas orações, para que o campo missionário de suas atividades seja tão acolhedor como o foi a CRB nos onze anos de atividade que a ela dedicou, para que seus ideais apostólicos se concretizem no contato com as realidades que a Divina Providência lhe coloca nas mãos.

PARABÉNS, Padre Tiago. E não esqueça a CRB, que tanto o estima.

Documentos Pontifícios

Melhor Presente é a Paz

Em 22 de dezembro passado, S.S. Paulo VI dirigiu a todo Mundo sua Mensagem de Natal, que passamos a transcrever na íntegra:

Irmãos, filhos, amigos, homens todos com quem nos encontramos uma vez mais, por ocasião deste Natal de 1966. Queremos fazer chegar singelamente a vossos corações o eco do hino dos anjos, que ressoou entre o Céu e a Terra quando Jesus Cristo, Nosso Senhor, nasceu em Belém, da Virgem Maria. Quem não se lembra das palavras famosas: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade"? Nós vos repetimos esta exclamação feliz, como tema fecundo de todas as mais altas e verdadeiras idéias que, nesta festividade solene, devem brotar daqueles espíritos que conhecem as coisas supremas e têm consciência dos deveres e das necessidades maiores da humanidade. A glória de Deus e a paz para os homens são, hoje e sempre, os dois eixos em função dos quais se orientam e se movem vossos destinos e são os dons supremos que o Natal não apenas nos promete como também nos traz.

Não vos seja molesto, homens cheios de preocupação, não vos seja inútil, homens crentes, voltar com energia espiritual a lembrança inapagável de Deus: de Deus mistério e realidade ativa, de Deus luz e princípio de toda ordem e sabedoria, de Deus fonte de todo ser e razão profunda de toda lei científica e moral, de Deus centro insubstituível de nossa vida, de Deus bondade inesfável, disposto ao colóquio com Nossa humilde palavra na experiência de cada dia.

Idolatria do mundo moderno

É preciso nos pomos em guarda contra a idolatria moderna. Hoje, o homem sente a tentação de adorar-se a si mesmo, de fazer de si mesmo não só o fim supremo das idéias e da história como também da realidade, e de crer que por si mesmo pode, com apenas suas forças, progredir verdadeiramente e salvar-se: vê-se tentado, para dizê-lo em outras palavras, a

buscar sua própria glória e não a glória de Deus. Esse fatal e tremendo desvio do eixo da vida humana desenvolve-se diante de nossos olhos. A negação de Deus, de pura teoria, está se convertendo em prática, toma consistência uma mentalidade falsamente humanística, penetrada de radical heroísmo, porque fechada ao conhecimento e ao amor de Deus e, fundamentalmente, inquieta e subversiva, porque está fechada à luz e à esperança de Deus.

Fim último do homem

O homem é um ser constitucionalmente ordenado, a transcender-se a si mesmo, é um ser projetado para Deus e ordenado essencialmente a Deus. Se se negar esta primeira relação fundamental, o mistério de Deus que se faz homem (o mistério do Natal) não será a festa de alegria e de paz para nossa vida, mas o mistério tenebroso do homem que se faz Deus será o trágico drama ameaçador e potencialmente carregado de inumeráveis ruínas.

Volta de Cristo

Voltemos, homens irmãos, ao dia em que, com o nascimento de Cristo, Deus e Homem, foram restabelecidas as relações vitais — e que relações — entre a divindade e a humanidade. Voltemos ao humilde e nobre esforço religioso da busca de Deus, do amor a Deus. Aí encontraremos o primeiro prazer do Natal, o de cantar também nós, como uma íntima poesia pessoal, como um solene hino cósmico, a glória de Deus.

O presente da paz

Depois teremos também o segundo prazer do Natal, o prazer da paz. Da paz parece quase supérfluo falar. Tão corrente é seu nome e tão debatidas são as questões que a ela se referem, com ecos amplíssimos. E, todavia, hoje não o é, porque a festa de hoje nos repete o nome suave e real da paz, e de tal maneira a pronuncia que nos faz sentir não apenas seu nome consolador como também intuir seu profundo significado. É por isso nos obriga a explicar-nos a nós mesmos, cada vez que volta o Natal, o sentido verdadeiro da paz, que é, segundo a célebre definição agostiniana, a tranquilidade na ordem, isto é, o reflexo de coisas que correspondem à justiça, à lei eterna de Deus.

Neste esforço de nossa atenção, que pode ser nossa devota homenagem ao mistério do Natal, veremos facilmente a pluralidade dos significados, dos quais este nome augusto de paz se reveste, e que são tantos quantos são os conceitos de ordem a que se refere. Veremos como a paz não é um bem primário, mas um bem que resulta, um bem que deriva, que supõe e que exige um bem anterior a si mesmo e que é precisamente a ordem, a justiça, a harmonia das coisas. Veremos como de per si não é estável e estática, se a ordem, ao qual dá o nome, é por sua própria natureza móvel

e volúvel, como o é precisamente a ordem humana e, particularmente, a ordem social, e como, por isso, a paz não pode ser desfrutada tranquilamente neste mundo. Ela deve ser engendrada, conquistada e defendida continuamente. Veremos como de uma paz deriva a outra, da mesma maneira que de uma ordem estabelecida resulta outra ordem. E, deste modo, desde a primeira restauração da ordem entre Deus e os homens, ordem fundamental, ordem própria do Natal, poderão surgir todas as demais ordens no terreno humano. Da paz com Deus deriva a paz do coração, em seu tumulto interior, e a paz também dos corações em seu consórcio social.

Insegurança do mundo

E quando falamos de paz, neste momento da história, não é possível deixar de tornar Nossa a observação de qualquer pessoa que possua o senso da atualidade humana: hoje falta segurança ao mundo à medida que a sociedade humana progride em suas conquistas, uma sensação de temor universal vai penetrando os espíritos dos homens. Quanto mais avançam científica e tecnicamente, tanto mais desconfiam uns dos outros. Quanto mais possuem, tanto menos se sentem seguros.

Por que tudo isto? Porque a falta de segurança nasce principalmente de um contínuo e crescente perigo, um perigo mundial, um perigo que circunstâncias, impossíveis de controlar, poderiam tornar próximo e fatal. Todos sabemos de que poder de destruição estão dotados os homens de hoje e como nesta potência alguns encontram motivo de competição, de confiança e de orgulho. Inúmeras liberdades foram conseguidas para a dignidade do homem e para sua plena e total expansão, mas não só buscou eficazmente, não se conseguiu ainda a liberdade do perigo, a liberdade do temor.

Estabeleceu-se um sem número de relações entre os povos: relações técnicas, comerciais, culturais, políticas... mas ainda não se apertou suficientemente o nó da compreensão entre os homens, entre suas classes e suas nações. Não se promoveu ainda suficientemente o respeito mútuo, a estima, a colaboração, o amor. Mas ainda continuou a existir conflitos e contrastes que ameaçam a estabilidade da atual convivência social. Para chegar a tanto não bastam os motivos dos interesses temporários, nem tampouco os da humana prudência. São necessários os motivos transcendentais da religião, mais ainda, da religião cristã, que é a única que contém a soberana virtude resolutiva das humanas deficiências.

Vietname: guerra de vontade

Mas agora a atenção do mundo, e também a Nossa, concentra-se no estudo de guerra, que ainda existe no Vietname, guerra que, por ser ideológica, civil e militar ao mesmo tempo, por ter lugar num ponto cardinal do equilíbrio entre os povos, por desenvolver-se num gradual aumento de insídias, de meios e de danos, por ser de aterradora importância para as maiores nações, mostra-se ao mesmo tempo típica, trágica e ameaçadora.

É parece que esta guerra põe em evidência outro aspecto característico: que sua continuação depende, mais do que de uma fatal concatenação de causas (como em tôdas as demais histórias bélicas), da vontade dos homens empenhados na mesma. Bastaria que êles o descessem simultaneamente, de uma e de outra parte, e a guerra terminaria, o temor de maiores conflagrações se atenuaria, a honra dos contendores ficaria a salvo. A esperança e a paz voltariam a florescer no mundo e a consciência da humanidade em relação a este grande dever seu — o da fraternidade universal — experimentaria felizmente um progresso.

Chave da paz está nas mãos dos homens

A trégua das armas, que as duas partes em luta, com generosa espontaneidade, anunciaram para o próximo Natal, encheu o mundo de admiração e de prozer. Mas é de esperar que ambas as partes em conflito prorroguem essa trégua e que dêsse parêntesis na luta se possa proceder a negociações leais, único caminho para chegar à paz, dentro da liberdade e da justiça. Isto põe em evidência uma vez mais o verdadeiro ponto estratégico desta dolorosa e paradoxal situação: o coração dos homens. A chave da paz está em mãos da boa vontade. A dificuldade nasce do fato de que esta chave precisa ser girada conjuntamente, por parte dos chefes responsáveis de uma e outra frente. Tal simultaneidade leal e real deveria ser o prodígio deste Natal.

Queremos ainda considerar possível um tal prodígio de boa vontade: pedimo-lo respeitosa e calorosamente aos dois contendores e a quantos a um ou outro emprestam seu apoio.

Conclusões

É com estas aspirações de paz, que gostaríamos constituíssem o preságio de outros progressos, mais amplos, na formação da consciência fraterna da humanidade, que enviamos Nossas saudações natalinas ao povo vietnamita e a todos os povos da Terra, a tôdas as instituições internacionais, promotoras da concórdia e do progresso das nações.

Uma saudação e uma felicitação especial dirigimos à juventude, por Nós tão amada, para que busque e encontre o caminho certo, em sua orientação para os verdadeiros valores da vida, e faça com que saibam honrá-los as novas gerações.

Saudamos também a vós, irmãos no episcopado, e a vós, sacerdotes e religiosos, a todos os fiéis, a todo o Povo de Deus.

E a todos os lares cristãos, a tôdas as instituições de assistência, a tôdas as igrejas e paróquias do mundo, a todos os irmãos cristãos ainda separados de Nós. A todos enviamos Nossas felicitações de Natal, de um bom Natal em Cristo, Nosso Salvador e Senhor, em cujo nome santíssimo damos, a todos quantos Nos escutam, mais ainda, hoje a todos os homens, sem excetuar nenhum, Nossa Bênção Apostólica.

Documentos Conciliares

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no Mundo de Hoje (1)

PAULO BISPO, Servo dos Servos de Deus, juntamente com os Padres Conciliares, para perpétua memória do acontecimento: **Constituição Pastoral "sôbre a Igreja no mundo de hoje"**.

PROÊMIO

Solidariedade da Igreja com a família humana universal

1. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história.

(1) A Constituição pastoral sôbre a Igreja no mundo de hoje consta de duas partes mas é um todo. Ela é chamada *pastoral* porque, baseada em princípios doutrinários, tem a intenção de exprimir as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Por isso nem na primeira parte está ausente

Os destinatários das palavras do Concílio

2. Por este motivo, depois de ter investigado de modo mais profundo o mistério da Igreja, o Concílio Vaticano II não mais hesita em dirigir a palavra somente aos filhos da Igreja e a todos os que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens. Deseja expor a todos como concebe a presença e a atividade da Igreja no mundo de hoje.

O mundo portanto que tem diante dos olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive; este mundo, teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação.

a intenção pastoral, nem na segunda falta a intenção doutrinária. Na primeira parte a Igreja desenvolve sua doutrina sobre o homem, o mundo no qual o homem é colocado e sobre suas relações com os homens. Na segunda parte considera mais atentamente alguns aspectos da vida de hoje e da sociedade humana e do modo especial as questões e os problemas que atualmente parecem ser os mais urgentes. Acontece assim que a matéria tratada nesta última parte, embora sujeita a princípios doutrinários, consta não apenas de elementos permanentes, mas também de questões contingentes. Deve, pois, esta Constituição ser interpretada segundo as normas gerais da interpretação teológica, tendo-se em vista, sobretudo na segunda parte, as circunstâncias mutáveis por sua natureza conexas com o assunto tratado.

A idéia deste documento surgiu no fim da primeira sessão (1962), num discurso do Cardeal Suenens no dia 4-12-1962. Em janeiro de 1963 a Comissão Coordenadora dos trabalhos conciliares determinou que a Comissão Teológica e a Comissão para o Apostolado dos Leigos trabalhassem juntos ("comissão mista") para elaborar um esquema De praesentia Ecclesiae in mundo hodierno. Em maio de 1963 estava pronto um primeiro esboço, com seis capítulos. Em julho a Comissão Coordenadora rejeitou o texto e estabeleceu normas mais concretas. Elaborou-se então em Louvain, sob a direção do Cardeal Suenens, uma Adumbratio de activa praesentia Ecclesiae in mundo aedificando. Em novembro de 1963 foi constituída uma subcomissão especial para tentar redigir um esquema mais definitivo, que foi enviado aos bispos em junho de 1964 e debatido durante a terceira sessão, com 171 discursos e centenas de intervenções escritas. Seguiu-se novo estudo e nova redação, que foi remetida aos bispos em julho de 1965. Durante a quarta sessão houve mais 162 discursos na aula conciliar e outras centenas de intervenções escritas. O texto foi novamente revisto e emendado e entregue aos padres no dia 12-11-1965 para ser votado. Vieram então 3 497 votos modificativos. Re-re-recomendado, surgiu afinal, no dia 2-12-1965, o texto considerado definitivo, votado e aprovado, capítulo por capítulo, no dia 4-12-1965. No dia 6-12-1965 fêz-se a votação do conjunto: 2 111 placet, 251 non placet e 11 votos nulos. No dia seguinte, sessão pública,

A serviço do homem

3. Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano freqüentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido de seu esforço individual e coletivo e, em conclusão, sobre o fim último das coisas e do homem. Por isso o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloqüência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana, à qual esse povo pertence, senão estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho e fornecendo ao gênero humano os recursos de salvação que a própria Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe de seu Fundador. É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renomada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de toda a nossa explanação.

Por isso, proclamando a vocação altíssima do homem e afirmando existir nêle uma semente divina, o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a esta vocação. Nenhuma ambição terrestre move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido (2).

(2) Cf. Jo 18,37; 3,17; Mt 20,28; Mc 10,45.

sobre 2 391 votantes, o documento recebeu a aprovação de 2 309 padres conciliares, contra 75 votos negativos e 7 votos nulos. Paulo VI, então, promulgou solenemente a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. Três semanas depois, na mensagem de Natal, referiu-se o Papa a este documento nos seguintes termos: "O encontro da Igreja com o mundo atual foi descrito em páginas admiráveis na última Constituição do Concílio. Toda pessoa inteligente, toda alma honrada deve conhecer essas páginas. Elas levam, sim, de novo a Igreja ao meio da vida contemporânea, mas não para dominar a sociedade, nem para dificultar o autônomo e honesto desenvolvimento de sua atividade, mas para iluminá-la, sustentá-la e consolá-la. Essas páginas, assim o pensamos, assinalam o ponto de encontro entre Cristo e o homem moderno e constituem a mensagem de Natal deste ano de graça ao mundo contemporâneo".

A tradução foi feita pelos Padres Luís Viegas de Carvalho (toda a I Parte, o capítulo II e III e a Conclusão da II Parte), Ney de Sá Earp (cap. I da II Parte), Gabriel da Veiga, O.F.M., (cap. IV da II Parte) e Desidério Kalverkamp, O.F.M., (cap. V da II Parte). — Edição revista pelo Subsecretário de Ação Social da CNBB.

INTRODUÇÃO: A CONDIÇÃO DO HOMEM NO MUNDO DE HOJE

Esperança e angústia

4. Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática. Algumas das características principais do mundo moderno podem ser delineadas da seguinte maneira:

O gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem e por sua atividade criadora e atingem o próprio homem, seus juízos, seus desejos individuais e coletivos, seu modo de pensar e agir tanto em relação às coisas quanto em relação aos homens. Já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa.

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação acarreta sérias dificuldades. Assim enquanto o homem estende tão amplamente o seu poder, contudo nem sempre consegue submeter-lo a seu serviço. Esforçando-se por penetrar mais profundamente na intimidade do próprio espírito, aparece com freqüência mais incerto de si mesmo. Descobrendo pouco a pouco mais claramente as leis da vida social, hesita sobre a direção a lhe imprimir.

O gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico. No entanto, ainda uma parte considerável dos habitantes da terra padece fome e miséria e inúmeros são analfabetos. Os homens nunca tiveram um sentido da liberdade tão agudo como hoje, mas ao mesmo tempo aparecem novas formas de escravidão social e psíquica. Enquanto o mundo percebe tão vivamente sua unidade e mútua dependência de todos numa necessária solidariedade, e é-lo contudo gravemente dividido em partidos opostos por forças que lutam entre si. Com efeito, agudas dissensões políticas, sociais, econômicas, raciais e ideológicas ainda continuam. E nem falta o perigo de uma guerra capaz de destruir tudo até o fim. Enquanto aumenta a comunicação de idéias, as próprias palavras, que exprimem conceitos de grande importância, revestem-se de sentidos bastante diversos segundo a variedade de ideologias. Enfim, procura-se com afã uma organização temporal mais perfeita, sem que o crescimento espiritual progrida ao mesmo tempo.

Marcados por uma situação tão complexa, muitos dos nossos contemporâneos são impedidos de discernir verdadeiramente os valores perenes, harmonizando-os de modo adequado com as descobertas recentes. Assim,

inquietação, eles se interrogam, num misto de esperança e angústia, sobre a evolução atual do mundo. Este curso das coisas não só desafia os homens, mesmo força-os a uma resposta.

As situações profundamente mudadas

5. A perturbação atual dos espíritos e a mudança das condições de vida estão vinculadas a uma transformação mais ampla das coisas. Esta faz com que as ciências matemáticas e naturais ou as que tratam do próprio homem adquiram preponderância crescente na formação do pensamento, enquanto a técnica, derivada daquelas ciências, influencia na ordem da ação. Este espírito científico produz um sistema cultural e modos de pensamento diferentes dos anteriores. A técnica progride a ponto de transformar a face da terra e já tenta conquistar o espaço interplanetário.

A inteligência humana dilata de certa maneira o seu domínio também sobre o tempo. Sobre o passado, pelo conhecimento histórico. Sobre o futuro, pela prospectiva e planificação. O progresso das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só contribui para que o homem se conheça melhor, mas fornece-lhe também os meios de influenciar diretamente na vida da sociedade, usando métodos técnicos. Ao mesmo tempo, o gênero humano se preocupa, e isto em medida sempre crescente, de prever e regular o próprio crescimento demográfico.

A própria história acelera-se tão rapidamente em seu curso que os homens conseguem segui-la com dificuldade. Torna-se uma a sorte da comunidade humana e não mais diversificada como que entre várias histórias. Assim a humanidade passa de uma noção mais estática da ordem das coisas para uma concepção mais dinâmica e evolutiva. Nasce daí, imenso, um complexo novo de problemas que provoca novas análises e sínteses.

As mudanças sociais

6. Por isso mesmo as tradicionais comunidades locais, (famílias patriarcais, clãs, tribos, aldeias), experimentam cada dia transformações mais profundas em seus variados grupos e relações de comunidade social.

Difunde-se pouco a pouco uma sociedade de tipo industrial, conduzindo algumas nações à riqueza econômica e transformando profundamente as concepções e condições de vida social estabelecidas desde séculos. Cresce paralelamente a civilização urbana, não só pela multiplicação das cidades e de seus habitantes mas também pela expansão do modo de vida urbana às zonas rurais.

Os novos instrumentos de comunicação social, incessantemente aperfeiçoados, contribuem para difundir rápida e amplamente as notícias dos acontecimentos, das idéias e dos sentimentos, provocando inúmeras reações em cadeia.

Não é de menosprezar o fato de que os homens, levados à emigração por vários motivos, transformem o sistema de sua vida.

Em suma, as relações do homem com seus semelhantes multiplicam-se continuamente. E ao mesmo tempo a própria socialização introduz novas relações, sem contudo promover sempre o pleno desenvolvimento da pessoa e de relações realmente pessoais, isto é, a personalização.

Esta evolução, contudo, se manifesta mais claramente nas nações que já se beneficiam das vantagens do progresso econômico e técnico. Contudo atua também junto dos povos em via de desenvolvimento que aspiram obter para suas regiões os benefícios da industrialização e da urbanização. Estes povos, sobretudo se ligados a tradições mais antigas, experimentam ao mesmo tempo a necessidade de exercer sua liberdade de modo mais adulto e pessoal.

Mudanças psicológicas, morais e religiosas

7. A mudança de mentalidade e de estruturas coloca em questão freqüentemente os valores recebidos, particularmente junto dos jovens: com freqüência não suportam sua situação; bem mais, a inquietação os torna uns revoltados. Conscientes do próprio valor na vida social, muito cedo aspiram a nela participar. Por isso, não é raro que os pais e educadores sentem cada dia dificuldades maiores no cumprimento de seus deveres.

Na verdade, as instituições, as leis, os modos de pensar e agir legados pelos antepassados não parecem sempre bem adaptados ao estado atual das coisas. Vem daí uma perturbação grave no comportamento e nas normas de conduta.

As novas condições influem enfim na própria vida religiosa. De uma parte o espírito crítico mais agudo a purifica de uma concepção mágica do mundo e de superstições ainda espalhadas e exige uma adesão à fé cada vez mais pessoal e operosa. Por isso não poucos se aproximam de um sentido mais vivo de Deus. Por outra parte, multidões cada vez mais numerosas afastam-se praticamente da religião. Ao contrário dos tempos passados, negar Deus ou a religião ou abstrair de ambos não é mais algo de insólito e individual. Com efeito tais atitudes apresentam-se hoje não raramente como se fôsse exigência do progresso científico ou de certo humanismo novo. Todas estas coisas, em muitas regiões, não somente são expressas nas máximas dos filósofos, mas também atingem amplamente as letras, as artes, a interpretação das ciências humanas e da história e as próprias leis civis, de tal modo que em conseqüência muitos se perturbem.

Os desequilíbrios do mundo moderno

8. Uma evolução tão rápida das coisas, progredindo com freqüência desordenadamente, e mais ainda a própria consciência mais aguda das discrepâncias vigentes no mundo produzem ou aumentam as contradições e desequilíbrios.

Na própria pessoa manifesta-se mais freqüentemente o desequilíbrio entre a inteligência prática moderna e o pensamento teórico-especulativo,

que não consegue nem dominar a suma de seus conhecimentos nem ordená-los numa síntese adequada. Manifesta-se igualmente o desequilíbrio entre a preocupação de eficácia concreta e as exigências da consciência moral e muitas vezes entre as condições coletivas da existência e as exigências de um pensamento pessoal e também de contemplação. Enfim, surge o desequilíbrio entre a especialização da atividade humana e a visão universal das coisas.

Nascem tensões também no seio da família, quer devidas ao pêso das condições demográficas, econômicas e sociais, quer às dificuldades oriundas entre as gerações que se sucedem; quer às novas relações sociais que se estabelecem entre homens e mulheres.

Discrepâncias enormes surgem ainda entre as raças, entre as classes sociais de todo o gênero, entre nações ricas e menos ricas e pobres. Enfim, entre as instituições internacionais oriundas do desejo dos povos pela paz e a ambição de disseminar a própria ideologia e os egoísmos coletivos existentes nas nações e em outros grupos.

Daí surgem desconfianças mútuas e inimizades, conflitos e sofrimentos, dos quais o homem é ao mesmo tempo causa e vítima.

As aspirações mais universais do gênero humano

9. Entretanto cresce a persuasão de que o gênero humano não só pode mas deve fortalecer cada dia mais o seu domínio sobre as coisas criadas; além disso, que lhe compete estabelecer uma organização política, social e econômica que com o tempo sirva melhor ao homem e ajude cada um e cada grupo a afirmar e cultivar a própria dignidade.

Daí muitíssimos reivindicam acirradamente aqueles bens dos quais tomando viva consciência se julgam privados, por injustiça ou inadequada distribuição. As nações em via de desenvolvimento como aquelas que se tornaram recentemente independentes aspiram participar dos bens da civilização, não só no plano político, mas também econômico e desempenhar livremente seu papel no cenário do mundo. Contudo cada dia aumenta mais a sua distância e muitas vezes ao mesmo tempo a sua dependência também econômica de outras nações mais ricas e em progresso mais rápido. Os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda não a conseguiram, sua paridade de direito e de fato com os homens. Os operários e lavradores não querem somente ganhar o necessário para a alimentação, mas também pelo trabalho cultivar sua personalidade, e mesmo participar na organização da vida econômica, social, política e cultural. Agora, pela primeira vez na história humana, todos os povos já estão convencidos de que os benefícios da cultura realmente podem e devem ser estendidos a todos.

Debaixo porém de todas estas reivindicações está latente uma aspiração mais profunda e mais universal: as pessoas e os grupos desejam viver plena e livremente de maneira digna do homem, colocando a seu próprio serviço todas as coisas que o mundo moderno pode oferecer tão abundantemente.

Além disso as nações se esforçam cada dia mais tenazmente para que se consiga uma comunidade universal.

Assim, o mundo moderno se apresenta ao mesmo tempo poderoso e débil, capaz de realizar o ótimo e o péssimo, por quanto se lhe abre o caminho da liberdade ou da escravidão, do progresso ou do regresso, da fraternidade ou do ódio. Além disso, o homem se torna consciente de que depende dele dirigir retamente as forças por ele despertadas e que o podem oprimir ou lhe servir. Por isso, o homem se pergunta a si mesmo.

As interrogações mais profundas do gênero humano

10. Na verdade, os desequilíbrios que atormentam o mundo moderno se vinculam com aquele desequilíbrio mais fundamental radicado no coração do homem. Com efeito, no próprio homem muitos elementos lutam entre si. Enquanto, de uma parte, porque criatura, experimenta-se limitado de muitas maneiras, por outra parte, porém, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, é ao mesmo tempo obrigado a escolher entre elas renunciando a algumas. Pior ainda: enfermo e pecador, não raro faz o que não quer, não fazendo o que desejaria (3). Em suma sofre a divisão em si mesmo, da qual se originam tantas e tamanhas discórdias na sociedade. Certamente muitíssimos, cuja vida se impregnou de materialismo prático, afastam-se da percepção clara deste estado dramático, ou, oprimidos pela miséria, são impedidos de considerá-lo. Muitos pensam encontrar tranquilidade nas diversas explicações do mundo que lhes são propostas. Outros porém esperam uma verdadeira e plena libertação da humanidade somente pelo esforço humano. Estão persuadidos de que o futuro reino do homem sobre a terra haverá de satisfazer todos os desejos de seu coração. Não faltam os que, desesperados do sentido da vida, louvam a audácia daqueles que, julgando a existência humana desprovida de qualquer significado peculiar, esforçam-se por lhe atribuir toda significação só do próprio engenho. Contudo, diante da evolução atual do mundo, cada dia são mais numerosos os que formulam perguntas primordialmente fundamentais ou as percebem com nova acuidade. O que é o homem? Qual é o significado da dor, do mal, da morte que, apesar de tanto progresso conseguido, continuam a subsistir? Para que aquelas vitórias adquiridas a tanto custo? O que pode o homem trazer para a sociedade e dela esperar? O que se seguirá depois desta vida terrestre?

A Igreja porém acredita que Cristo, morto e ressuscitado para todos (4), pode oferecer ao homem, por seu Espírito, a luz e as forças que lhe permitirão corresponder à sua vocação suprema. Ela crê que não foi dado aos homens sob o céu outro nome no qual seja preciso se salvarem (5). Acredita igualmente que a chave, o centro e o fim de toda

(3) Cf. Rom 7,14 ss.

(4) Cf. II Cor 5,15.

(5) Cf. At 4,12.

história humana se encontram no seu Senhor e Mestre. Afirma além disso a Igreja que sob tôdas as transformações permanecem muitas coisas imutáveis, que têm seu fundamento último em Cristo, o mesmo ontem e hoje e por tôda a eternidade (6). Portanto, sob a luz de Cristo, Imagem de Deus invisível e Primogênito de tôdas as criaturas (7), o Concílio pretende falar a todos, para esclarecer o mistério do homem e cooperar na descoberta da solução dos principais problemas do nosso tempo.

I PARTE: A IGREJA E A VOCAÇÃO DO HOMEM

Corresponder aos impulsos do Espírito

11. Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbê da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece tôdas as coisas com luz nova. Manifesta o plano divino sôbre a vocação integral do homem. E por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas.

O Concílio tem a intenção antes de tudo de distinguir sob esta luz aquêles valôres que hoje são de máxima estimação, relacionando-os à sua fonte divina. Estes valôres, enquanto derivam da inteligência do homem que lhe foi conferida por Deus, são muito bons. Mas por causa da corrupção do coração humano eles se afastam não raro da sua ordem devida e por isso precisam de purificação.

O que pensa a Igreja a respeito do homem? O que parece dever ser recomendado para a construção da sociedade atual? Qual é a significação última da atividade do homem no universo? Espera-se uma resposta para estas perguntas. E assim aparecerá de modo mais claro que o Povo de Deus e a humanidade, na qual êle se insere, prestam-se serviços mútuos. Assim a missão da Igreja se manifesta como religiosa e, por isso mesmo, humana no mais alto grau.

CAPÍTULO I

A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

O homem, imagem de Deus

12. De acôrdo com a sentença quase concorde dos crentes e não-crentes, tôdas as coisas existentes na terra são ordenadas ao homem como a seu centro e ponto culminante.

O que é porém o homem? Êle emitiu e ainda emite muitas opiniões a respeito de si mesmo, variadas e contrárias entre si. Numas muitas vêzes se exalta como norma absoluta. Noutras deprime-se até ao desespero.

(6) Cf. Heb 13,8.

(7) Cf. Col 1,16.

Donde sua hesitação e angústia. A Igreja percebe claramente estas dificuldades. Instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta, na qual se delineia a verdadeira condição humana, explicam-se as suas fraquezas e ao mesmo tempo se reconhecem de modo correto sua dignidade e vocação.

Pois as Sagradas Escrituras ensinam que o homem foi criado "à imagem de Deus", capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas (8) para que as dominasse e usasse, glorificando a Deus (9). "O que é o homem para dele vos lembrardes? Ou que é o filho do homem para que vos ocupeis com ele? Entretanto, vós o fizestes pouco inferior aos anjos, coroando-o de honra e glória. Destes-lhe o poder sobre as obras de vossas mãos, Vós lhe submetestes toda a criação". (Sl 8,5-7).

Deus não criou o homem solitário. Desde o início, "Deus os criou varão e mulher" (Gn 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes.

Deus portanto, como lesmos novamente na Escritura Sagrada, viu "serem muito boas todas as coisas que fizera" (Gn 1,31).

O pecado

13. Constituído por Deus em estado de justiça, o homem contudo, instigado pelo Maligno, desde o início da história abusou da própria liberdade. Levantou-se contra Deus desejando atingir seu fim fora dele. Apesar de conhecer a Deus, não o glorificou como Deus. O seu coração insensato se obscureceu e eles serviram à criatura ao invés do Criador (10). Isto, que nos é conhecido pela Revelação divina, concorda com a própria experiência. Pois o homem, olhando o seu coração, descobre-se também inclinado para o mal e mergulhado em múltiplos males que não podem provir do seu Criador que é bom. Recusando muitas vezes a reconhecer Deus como seu princípio, o homem destruiu a devida ordem em relação ao fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua harmonia consigo mesmo, com os outros homens e as coisas criadas.

Por isso o homem está dividido em si mesmo. Por esta razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Bem mais ainda. O homem se encontra incapaz, por si mesmo, de debelar eficazmente os ataques do mal; e assim cada um se sente como que carregado de caducas. Mas o próprio Senhor veio para libertar e confortar o homem, renovando-o interiormente. Expulsou o "príncipe deste mundo" (Jo 12,31) que retinha o homem na escravidão do pecado (11). O pecado porém diminuiu o próprio homem, impedindo-o de conseguir a plenitude.

(8) Cf. Gn 1,26; Sab 2,23.

(9) Cf. EcII 17,3-10.

(10) Cf. Rom 1,21-25.

(11) Cf. Jo 8,34.

A luz desta Revelação, a vocação sublime e ao mesmo tempo a profunda miséria que os homens sentem, encontram a sua razão última.

A constituição do homem:

14. Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nêle assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor (12). Não é portanto lícito ao homem desprezar a vida corporal, mas, ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia. Mas, vulnerado pelo pecado, o homem sente as revoltas do corpo. Portanto a própria dignidade do homem pede que êle glorifique a Deus, em seu corpo, não lhe permitindo servir a más inclinações do coração (13).

O homem na verdade não se engana quando se reconhece superior aos elementos materiais, e não se considera somente uma partícula da natureza ou um elemento anônimo da cidade humana. Com efeito, por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas. Êle penetra nesta intimidade profunda quando se volta ao seu coração, onde o espera Deus, que perscruta os corações (14), e onde êle pessoalmente sob os olhares de Deus decide a sua própria sorte. Dêste modo, reconhecendo em si mesmo a alma espiritual e imortal, longe de tornar-se juguete de uma criação imaginária que se explicaria somente pelas condições físicas e sociais, o homem, ao contrário, atinge a própria profundidade da realidade.

A dignidade da inteligência, a verdade e a sabedoria

15. Participando da luz da inteligência divina, com razão o homem se julga superior, por sua inteligência, à universalidade das coisas. Exercitando a sua inteligência diligentemente através dos séculos, nas ciências empíricas, artes técnicas e liberais, o homem de fato progrediu. Em nossos tempos, sobretudo pesquisando e dominando o mundo material, o homem conseguiu notáveis resultados. Porém procurou sempre e encontrou uma verdade mais profunda. Pois a inteligência não se limita aos fenômenos, mas pode atingir, com autêntica certeza, a realidade inteligível, ainda que, em consequência do pecado, esteja em parte obscurecida e enfraquecida.

Enfim, a natureza intelectual da pessoa humana se aperfeiçoa e deve ser aperfeiçoada pela sabedoria. Esta atrai de maneira suave a mente do homem à procura e ao amor da verdade e do bem. Impregnado de sabedoria o homem passa das coisas visíveis às invisíveis.

A nossa época, mais do que nos séculos passados, precisa desta sabedoria para que se tornem mais humanas tôdas as novidades descobertas

(12) Cf. Dan 3,57-90.

(13) Cf. I Cor 6,13-20.

(14) Cf. I Rs 16,7; Jer 17,10.

pelo homem. Realmente estará em perigo a sorte futura do mundo se não surgirem homens mais sábios. Além disso, deve-se notar que numerosas nações, mais pobres em bens econômicos, porém mais ricas em sabedoria, podem prestar excelente contribuição às outras.

Pelo dom do Espírito Santo, o homem, na fé, chega a contemplar e a saborear o mistério do plano divino (15).

Dignidade da consciência moral

16. Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei lhe soa nos ouvidos do coração: **fa e isto, evita aquilo**. De fato o homem tem uma lei escrita por Deus em seu coração. Obedecer a ela é a própria dignidade do homem, que será julgado de acordo com esta lei (16). A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz (17). Pela consciência se descobre, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo (18). Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais que se apresentam, tanto na vida individual quanto social. Quanto mais pois prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por se conformar às normas objetivas da moralidade. Acontece não raro contudo que a consciência erra, por ignorância invencível, sem perder no entanto sua dignidade. Isto porém não se pode dizer quando o homem não se preocupa suficientemente com a investigação da verdade e do bem, e a consciência pouco a pouco pelo hábito do pecado se torna quase obcecada.

A grandeza da liberdade

17. O homem porém não pode voltar-se para o bem a não ser livremente. Os nossos contemporâneos exaltam e defendem com ardor esta liberdade. E de fato com razão. Contudo, eles a fomentam muitas vezes de maneira viciada, como uma licença de fazer tudo que agrada, mesmo o mal. A verdadeira liberdade porém é um sinal eminente da imagem de Deus no homem. Pois Deus quis "deixar ao homem o poder de decidir" (19), para que assim procure espontaneamente o seu Criador, a Ele adira livremente e chegue à perfeição plena e feliz. Portanto a dignidade do homem exige que possa agir de acordo com uma opção

(15) Cf. Ecl 17,7-8.

(16) Cf. Rom 2,15-16.

(17) Cf. PIO XII, Radiomensagem sobre a reta formação da consciência cristã nos jovens, de 23-03-1952: AAS 44 (1952), p. 271 (REB, 1952, p. 431).

(18) Cf. Mt 22,37-40; Gal 5,14.

(19) Cf. Ecl 15,14.

consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa. O homem consegue esta dignidade quando, liberado de todo o cativeiro das paixões, caminha para o seu fim pela escolha livre do bem e procura eficazmente os meios aptos com diligente aplicação. A liberdade do homem, vulnerada pelo pecado, só com o auxílio da graça divina pode tornar plenamente ativa esta ordenação a Deus. Cada um porém, perante o tribunal de Deus, prestará contas da própria vida, segundo o bem e o mal que tiver feito (20).

O mistério da morte

18. Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto alto. O homem não se aflige somente com a dor e a progressiva dissolução do corpo, mas também, e muito mais, com o temor da destruição perpétua. Mas é por uma inspiração acertada do seu coração que afasta com horror e repele a ruína total e a morte definitiva de sua pessoa. A semente de eternidade que leva dentro de si, irredutível à só matéria, insurge-se contra a morte. Tôdas as conquistas da técnica, ainda que utilíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem. Pois a longevidade, que a biologia lhe consegue, não satisfaz o desejo de viver sempre mais, que existe inelutavelmente em seu coração.

Enquanto tôda a imaginação fracassa diante da morte, a Igreja contudo, instruída pela Revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, além dos limites da miséria terrestre. Mais ainda. Ensina a fé cristã que a morte corporal, da qual o homem seria subtraído se não tivesse pecado (21), será vencida um dia, quando a salvação perdida pela culpa do homem lhe for restituída por seu onipotente e misericordioso Salvador. Pois Deus chamou e chama o homem para que êle, com a sua natureza inteira, dê sua adesão a Deus na comunhão perpétua da incorruptível vida divina. Cristo conseguiu esta vitória, por sua morte, libertando o homem da morte e ressuscitando para a vida (22). Para qualquer homem que reflete, apresentada com argumentos sólidos, a fé dá-lhe uma resposta à sua angústia sobre a sorte futura. Ao mesmo tempo oferece a possibilidade de comunicar-se em Cristo com os irmãos queridos já arrebatados pela morte, trazendo a esperança de que êles tenham alcançado a verdadeira vida junto de Deus.

As formas de ateísmo e suas causas

19. A razão principal da dignidade humana consiste na vocação do homem para a comunhão com Deus. Já desde sua origem o homem é convidado para o diálogo com Deus. Pois o homem, se existe, é somente

(20) Cf. II Cor 5,10.

(21) Cf. Sab 1,13; 2,23-24; Rom 5,21; 6,23; Tg 1,15.

(22) Cf. I Cor 15,56-57.

porque Deus o criou e isto por amor. Por amor é sempre conservado. E não vive plenamente segundo a verdade, a não ser que reconheça livremente aquele amor e se entregue ao seu Criador. Mas muitos de nossos contemporâneos não percebem de modo algum esta união íntima e vital com Deus ou explicitamente a rejeitam, a ponto de o ateísmo contar entre os gravíssimos problemas de nosso tempo e dever ser submetido a um exame mais diligente.

Pela palavra ateísmo designam-se fenômenos bastante diversos entre si. Enquanto Deus é expressamente negado por uns, outros pensam que o homem não pode afirmar absolutamente nada sobre Ele. Alguns porém submetem a exame o problema de Deus por tal método, que parece carecer de sentido. Muitos, ultrapassando indêbitamente os limites das ciências positivas, ou sustentam que só por este processo científico se explicam tôdas as coisas, ou, ao contrário, já não admitem de modo algum nenhuma verdade absoluta. Alguns exaltam o homem a tal ponto que a fé em Deus se torna como que enervada e dão a impressão de estar mais preocupados com a afirmação do homem que com a negação de Deus. Outros se representam um Deus de tal modo que aquela fantasia, que eles repudiam, de modo algum é o Deus do Evangelho. Alguns não abordam sequer o problema de Deus: parece não sentirem nenhuma inquietação religiosa e nem atinarem por que deveriam preocupar-se com religião. Além disso o ateísmo se origina não raramente ou de um protesto violento contra o mal no mundo, ou do caráter do próprio absoluto que se atribui indevidamente a alguns bens humanos, de tal modo que sejam tomados por Deus. A própria civilização moderna, não por si mesma, mas porque demasiadamente comprometida com as realidades terrestres, pode muitas vezes dificultar o acesso a Deus.

Na verdade os que deliberadamente tentam afastar Deus de seu coração e evitar os problemas religiosos, não seguindo o ditame da sua consciência, não são isentos de culpa. No entanto os próprios fiéis arcam sobre isto muitas vezes com alguma responsabilidade. Pois o ateísmo, considerado no seu conjunto, não é algo inato mas antes originado de causas diversas, entre as quais se enumera também a reação crítica contra as religiões e em algumas regiões sobretudo contra a religião cristã. Por esta razão, nesta gênese do ateísmo, grande parte podem ter os crentes, enquanto, negligenciando a educação da fé, ou por uma exposição falaz da doutrina, ou por faltas na sua vida religiosa, moral e social, se poderia dizer deles que mais escondem que manifestam a face genuína de Deus e da religião.

O ateísmo sistemático

20. O ateísmo moderno muitas vezes apresenta também uma forma sistemática que, além de outras causas, leva a aspiração humana de autonomia a ponto de levantar dificuldade contra qualquer dependência de Deus. Aquêles que professam tal ateísmo sustentam que a liberdade consiste em o homem ser o seu próprio fim e o único artífice e demiurgo de sua própria história. E pretendem que esta posição não pode harmo-

nizar-se com o reconhecimento do Senhor, autor e fim de tôdas as coisas, ou pelo menos torna tal afirmação completamente supérflua. O sentido de potência que o progresso técnico atual confere ao homem, pode favorecer esta doutrina.

Entre as formas do ateísmo hodierno não deve ser esquecida aquela que espera a libertação do homem, principalmente da sua libertação econômica e social. Sustenta que a religião, por sua natureza, impede esta libertação, à medida que, estimulando a esperança do homem numa quimérica vida futura, o afastaria da construção da cidade terrestre. Os partidários desta doutrina, onde chegam ao govêrno da coisa pública, perseguem com veemência a religião, servindo-se na difusão do ateísmo, sobretudo na educação da juventude, dos meios de pressão ao alcance do poder público.

Relação da Igreja com o ateísmo

21. Fiel quer a Deus e quer aos homens, a Igreja não pode deixar de reprovar dolorosamente, com tôda a firmeza, como reprovou até agora (23), aquelas doutrinas e atividades perniciosas que contradizem à razão e à experiência humana universal e privam o homem de sua grandeza inata.

Contudo a Igreja tenta descobrir, no pensamento dos ateus, as causas da negação de Deus e, consciente da gravidade dos problemas que o ateísmo levanta, guiada pela caridade para com todos os homens, julga que êstes motivos devem ser submetidos a um sério e mais aprofundado exame.

A Igreja sustenta que o reconhecimento de Deus não se opõe de modo algum à dignidade do homem, já que esta dignidade se fundamenta e se aperfeiçoa no próprio Deus. Pois o homem, inteligente e livre, é estabelecido por Deus criador em sociedade. Mas, como filho, é chamado principalmente à própria comunhão com Deus e à participação de sua felicidade. A Igreja ensina, além disso, que a esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres mas antes apóia o seu cumprimento com motivos novos. Faltando ao contrário o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade do homem é prejudicada de modo gravíssimo, como se vê hoje com freqüência; e os enigmas da vida e da morte, da culpa e da dor, continuam sem solução: assim os homens muitas vêzes são lançados ao desespero.

Todo homem, entretanto, permanece para si mesmo um problema insolúvel, obscuramente percebido. Em algumas ocasiões, com efeito, sobretudo nos mais importantes acontecimentos da vida, ninguém consegue fugir de todo a esta pergunta. Só Deus dá uma resposta plena e totalmente

(23) Cf. PIO XI, Enc. *Divini Redemptoris*, de 19-03-1937: AAS 29 (1937), pp. 65-106; PIO XII, Enc. *Ad Apostolorum Principis*, de 29-06-1958: AAS 50 (1958), pp. 601-614; JOAO XXIII, Enc. *Mater et Magistra*, de 15-05-1961: AAS 53 (1961), pp. 451-453; PAULO VI, Enc. *Ecclesiam Suam*, de 6-08-1964: AAS 56 (1964), pp. 651-653.

certa a esta questão e chama o homem a mais alto conhecimento e a pesquisa mais humilde.

O remédio porém a ser levado ao ateísmo deve-se esperar não só de uma adequada exposição doutrinária mas também de pureza de vida da Igreja e de seus membros. Pois compete à Igreja tornar presente e como que visível Deus Pai e seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se incessantemente, sob a direção do Espírito Santo (24). Isto se obtém primeiramente pelo testemunho de uma fé viva e adulta formada, capaz de perceber de modo lúcido as dificuldades e superá-las. Inúmeros mártires deram e dão um testemunho preclaro desta fé. Esta fé deve manifestar a sua fecundidade, penetrando tôda a vida dos fiéis, também a profana, impulsionando-os à justiça e ao amor, sobretudo para com os necessitados. Para a manifestação da presença de Deus contribui enfim sobremaneira a caridade fraterna dos fiéis, que em espírito unânimes colaboram para a fé do Evangelho (25) e se apresentam como sinal de unidade.

Ainda que rejeite absolutamente o ateísmo, a Igreja contudo declara com sinceridade que todos os homens, crentes e não crentes, devem prestar seu auxílio à construção adequada dêste mundo, no qual vivem comunitariamente. Isto certamente não é possível sem sincero e prudente diálogo. Deplora portanto a discriminação, entre crentes e não crentes, que alguns governantes, não reconhecendo os direitos fundamentais da pessoa humana, introduzem injustamente. Reclama a liberdade ativa para os crentes, a fim de que possam nesse mundo construir também o templo de Deus. Quanto aos ateus, convida-os humanamente a refletir com tôda a objetividade sobre o Evangelho de Cristo.

Pois a Igreja sabe perfeitamente que sua mensagem concorda com as aspirações mais íntimas do coração humano, quando reivindica a dignidade da vocação humana, restituindo a esperança àqueles que já desesperam de seu destino mais alto. A sua mensagem, longe de diminuir o homem, derrama luz, vida e liberdade para o seu progresso. Nada além disto pode satisfazer o coração do homem: "Fizestes-nos para Vós", Senhor, "e o nosso coração permanece inquieto, enquanto em Vós não descansar" (26).

Cristo, homem nôvo

22. Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir (27), isto é, de Cristo Senhor. Nôvo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a

(24) Cf. CONC. VAT. II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. I, n. 8: AAS 57 (1965), p. 12.

(25) Cf. *Filp* 1,27.

(26) S. AGOSTINHO, *Confissões*, I,1: PL 32,661.

(27) Cf. *Rom* 5,14. Cf. TERTULIANO, *De carnis ressur.* 6: "Quodcumque limus exprimebatur Christus cogitabatur futurus": PL 2,282; CSEL 47, p. 33, 1.12-13.

sua altíssima vocação. Não é portanto de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice.

“Imagem de Deus invisível” (*Col* 1,15) (28), Ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Como a natureza humana foi n’Ele assumida, não aniquilada (29), por isso mesmo também foi em nós elevada a uma dignidade sublime. Com efeito, por Sua encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana; agiu com vontade humana (30), amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (31).

Cordeiro inocente, por meio de Seu sangue livremente derramado, mereceu-nos a vida. N’Ele Deus nos reconciliou consigo e entre nós (32), arrancando-nos da servidão do diabo e do pecado. De modo que cada um de nós pode dizer com o Apóstolo: O Filho de Deus “me amou e Se entregou por mim” (*Gal* 2,20). Padecendo por nós não só nos deu o exemplo para que sigamos os Seus passos (33), mas ainda abriu novo caminho: se nós o seguirmos, a vida e a morte se santificam e adquirem nova significação.

Feito conforme à imagem do Filho que é o Primogênito entre muitos irmãos (34), o homem cristão recebe “as primícias do Espírito” (*Rom* 8,23), que o tornam capaz de cumprir a nova lei de amor (35). Por esse Espírito, “penhor da herança” (*Ef* 1,14) o homem todo se renova interiormente, até a “redenção do corpo” (*Rom* 8,32). “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por virtude do seu Espírito que habita em vós” (*Rom* 8,11) (36). É certo que a necessidade e o dever obrigam o cristão a lutar contra o mal através de muitas tribulações e a padecer a morte. Mas, associado ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo e fortificado pela esperança chegará à ressurreição (37).

(28) Cf. **II Cor** 4,4.

(29) Cf. CONC. CONST. II, cân. 7: “Nem o Verbo se transformou na natureza da carne, nem a carne passou à natureza do Verbo”: DZ. 219 (428). — Cf. também o CONC. CONST. III: “Como sua carne animada santíssima e imaculada, não por estar divinizada foi suprimida, mas permaneceu em seu próprio estado e razão”: DZ 291 (556). — Cf. CONC. CALCED.: Cristo “deve ser reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação”: DZ 148 (302).

(30) Cf. CONC. CONST. III: “assim nem sua vontade humana foi suprimida por estar divinizada”.

(31) Cf. **Heb** 4,15.

(32) Cf. **II Cor** 5,18-19; **Col** 1,20-22.

(33) Cf. **I Pe** 2,21; **Mt** 16,24; **Lc** 14,27.

(34) Cf. **Rom** 8,29; **Col** 3,10-14.

(35) Cf. **Rom** 8,1-11.

(36) Cf. **II Cor** 4,14.

(37) Cf. **Filip** 3,10; **Rom** 8,17.

Isto vale não somente para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível (38). Com efeito, tendo Cristo morrido por todos (39) e sendo uma só a vocação última do homem, isto é divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal.

Tal e tamanho é o mistério do homem que pela Revelação cristã brilha para os fiéis. Por Cristo e em Cristo, portanto, ilumina-se o enigma da dor e da morte, que fora de seu Evangelho nos esmaga. Cristo ressuscitou, com Sua morte destruiu a morte e concedeu-nos a vida (40), para que, filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba, Pai! (41).

CAPÍTULO II

A COMUNIDADE HUMANA

Intenção do Concílio

23. Entre os principais aspectos do mundo de hoje enumera-se a multiplicação das relações mútuas entre os homens. Para sua evolução, em alta escala contribui o progresso técnico atual. Contudo, o diálogo fraterno entre os homens se aperfeiçoa, não neste progresso, porém mais profundamente na comunidade de pessoas, que exige uma reverência mútua para sua plena dignidade espiritual. Mas, para promover esta comunhão entre as pessoas, a Revelação cristã oferece um grande auxílio; ao mesmo tempo, nos leva a mais profunda compreensão das leis da vida social que o Criador gravou na natureza espiritual e moral do homem.

Mas como os mais recentes documentos do Magistério da Igreja desenvolveram difusamente a doutrina cristã sobre a sociedade humana (42), o Concílio recorda somente algumas verdades mais essenciais e expõe os seus fundamentos à luz da Revelação. Em seguida insiste em algumas conseqüências que são de maior importância para os nossos dias.

A índole comunitária da vocação humana no plano de Deus

24. Deus, que tem um cuidado paternal para com todos, quis que todos os homens formassem uma só família e se tratassem mutuamente com espírito fraterno. Todos, com efeito, criados à imagem de Deus, que “de

(38) Cf. CONC. VAT. II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. II, n. 16: AAS 57 (1965), p. 20.

(39) Cf. Rom 8,32.

(40) Cf. Liturgia pascal bizantina.

(41) Cf. Rom 8,15 e Gal 4,6; veja-se também Jo 1,22 e Jo 3,1-2.

(42) Cf. JOAO XXIII, Enc. *Mater et Magistra*, de 15-05-1961: AAS 53 (1961), pp. 451-464 e a Enc. *Pacem in Terris*, de 11-04-1963: AAS 55 (1963), pp. 257-304; PAULO VI, Enc. *Ecclesiam Suam*, de 6-08-1964: AAS 54 (1964), pp. 609-659.

um fêz todo o gênero humano habitar sôbre a face da terra" (*At* 17,26), são chamados para um único e mesmo fim, que é o próprio Deus.

Por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e o máximo mandamento. Mas a Sagrada Escritura nos ensina que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo: "...se há algum outro mandamento, êle se resume nestas palavras: Amarás a teu próximo como a ti mesmo... A plenitude portanto da lei é o amor" (*Rom* 13,9-10; *I Jo* 4,20). E isto se comprova ser de máxima importância para os homens que cada dia são mais dependentes uns dos outros e para o mundo que incessantemente se unifica mais.

Mais ainda. Quando o Senhor Jesus reza ao Pai que "todos sejam um..., como nós somos um" (*Jo* 17,21-22), abre perspectivas inacessíveis à razão humana, sugere alguma semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança manifesta que o homem, a única criatura na terra que Deus quis por si mesma, não pode se encontrar plenamente se não por um dom sincero de si mesmo (43).

Mútua dependência entre a pessoa humana e a sociedade humana

25. A índole social do homem evidencia que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade dependem um do outro. A pessoa humana é e deve ser o princípio, sujeito e fim de tôdas as instituições sociais, porque, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social (44). A vida social não é portanto algo acrescentado ao homem: assim o homem desenvolve-se em tôdas as suas qualidades mediante a comunicação com os outros, pelas obrigações mútuas, pelo diálogo com os irmãos, e pode corresponder à sua vocação.

Dos vínculos sociais necessários à educação do homem, alguns, como a família e a comunidade política, correspondem mais imediatamente à sua natureza íntima. Os outros decorrem mais da vontade livre. Em nossos tempos, por diversos motivos, as relações mútuas e interdependências multiplicam-se cada dia: donde aparecem diversas associações e instituições de direito público e privado. Ainda que neste fato, chamado socialização, não careça de perigos, é portador de muitas vantagens para consolidar e aumentar as qualidades da pessoa humana e para defender os seus direitos (45).

Mas se as pessoas humanas, para a realização de sua vocação, mesmo a religiosa, recebem muito desta vida social, não se pode entretanto negar que os homens, pelas circunstâncias sociais nas quais vivem e estão mergulhados desde a infância, são com freqüência afastados da prática do bem e impelidos ao mal. É certo que as perturbações, verificadas tão freqüentemente na ordem social, decorrem em parte da própria tensão existentes

(43) Cf. *Lc* 17,33.

(44) Cf. S. TOMAS, *1 Ethic.*, lect. 1.

(45) Cf. JOAO XXIII, *Enc. Mater et Magistra*: AAS 53 (1961), p. 418. Veja também PIO XI, *Enc. Quadragesimo Anno*: AAS 23 (1931), p. 222 s.

nas estruturas econômicas, políticas e sociais. Porém, mais profundamente, originam-se da soberba e do egoísmo dos homens, que transtornam também o ambiente social. Mas onde a ordem das coisas é atingida pelas consequências do pecado, o homem, inclinado ao mal por natureza, encontra em seguida novos estímulos para o pecado, que não se vencem senão com esforços diligentes e o auxílio da graça.

Promoção do bem comum

26. A interdependência cada dia se estreita mais e se difunde pouco a pouco no mundo inteiro. Segue-se daí que o bem comum — ou o conjunto daquelas condições da vida social que permitem aos grupos e a cada um de seus membros atingirem de maneira mais completa e desembaraçadamente a própria perfeição — torna-se hoje cada vez mais universal e implica por consequência direitos e deveres que dizem respeito a todo o gênero humano. Qualquer grupo deve levar em conta as necessidades e aspirações legítimas dos outros grupos e, ainda mais, o bem comum de toda a família humana (46).

Cresce, porém, ao mesmo tempo a consciência da dignidade exímia da pessoa humana, superior a todas as coisas. Seus direitos e deveres são universais e invioláveis. É preciso portanto que se tornem acessíveis ao homem todas aquelas coisas que lhe são necessárias para levar uma vida verdadeiramente humana. Tais são: alimento, roupa, habitação, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo a norma reta de sua consciência, direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa.

Portanto, a ordem social e o seu progresso devem ordenar-se incessantemente ao bem das pessoas, pois a organização das coisas deve subordinar-se à ordem das pessoas e não ao contrário. O próprio Senhor o insinua ao dizer que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado (47). Esta ordem deve desenvolver-se sem cessar, ter por base a verdade, construir-se sobre a justiça, ser animada pelo amor e encontrar na liberdade um equilíbrio sempre mais humano (48). Para se cumprirem tais exigências, devem-se introduzir uma reforma de mentalidade e amplas mudanças sociais.

O Espírito de Deus, que dirige o curso da história com providência admirável e renova a face da terra, está presente a esta evolução. O fermento evangélico despertou e desperta no coração do homem uma irrefreável exigência de dignidade.

O respeito para com a pessoa humana

27. Descendo às consequências práticas e mais urgentes, o Concílio inculca o respeito ao homem; que cada um respeite o próximo como "outro

(46) Cf. JOAO XXIII, Enc. *Mater et Magistra*: AAS 53 (1961), p. 417.

(47) Cf. Mc 2,27.

(48) Cf. JOAO XXIII, Enc. *Pacem in Terris*: AAS 55 (1963), p. 266.

eu", sem excetuar nenhum, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente (49); a fim de não imitar aquele rico que não teve nenhum cuidado com o pobre Lázaro (50).

Sobretudo nos nossos tempos, temos a imperiosa obrigação de nos tornarmos próximos de qualquer homem indistintamente; se ele se nos apresenta, devemos servi-lo ativamente, quer seja um velho abandonado por todos, ou um operário estrangeiro injustamente desprezado, ou um exilado, ou uma criança nascida de união ilegítima sofrendo imerecidamente por um pecado que não cometeu, seja um faminto que interpela a nossa consciência recordando a voz do Senhor: "Tôdas as vêzes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim é que fizestes" (Mt 25,40).

Além disso, tudo o que atenta contra a própria vida, como qualquer espécie de homicídios, o genocídio, o abôrto, a eutanásia e o próprio suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, as torturas físicas ou morais e as tentativas de dominação psicológica; tudo o que ofende a dignidade humana, como as condições infra-humanas de vida, os encarceramentos arbitrários, as deportações, a escravidão, a prostituição, o mercado de mulheres e jovens e também as condições degradantes de trabalho, que reduzem os operários a meros instrumentos de lucro, sem respeitar-lhes a personalidade livre e responsável: tôdas estas práticas e outras semelhantes são efetivamente dignas de censura. Enquanto elas inficionam a civilização humana, desonram mais os que se comportam desta maneira, do que aqueles que padecem tais injúrias. E contradizem sobremaneira a honra do Criador.

O respeito e amor para com os adversários

28. O respeito e caridade devem se estender também àqueles que em assuntos sociais, políticos e mesmo religiosos pensam e agem de maneira diferente da nossa. Aliás, quanto mais intimamente com humanidade e caridade compreendemos o seu modo de pensar, tanto maior será a facilidade para poder iniciar um diálogo com eles.

Esta caridade e benevolência não nos deve tornar de modo algum indiferentes perante a verdade e o bem. Mais ainda. A própria caridade impele os discípulos de Cristo a anunciar a verdade salvadora a todos os homens. Mas é preciso distinguir entre o êrro, que deve ser sempre rejeitado, e o errante, que conserva todavia a dignidade de pessoa, mesmo quando inquinado por noções religiosas falsas ou menos cuidadas (51). Só Deus é juiz e escrutador dos corações. Por isso Ele nos proíbe julgar sôbre a culpa interior de quem quer que seja (52).

A doutrina de Cristo pede que perdoemos mesmo as injúrias (53) e estende o preceito do amor, que é o mandamento da Nova Lei, a todos os

(49) Cf. Tg 2,15-16.

(50) Cf. Lc 16,18-31.

(51) Cf. JOÃO XXIII, Enc. *Pacem in Terris*: AAS 55 (1963), p. 299.

(52) Cf. Lc 6,37-38; Mt 7,1-2; Rom 2,1-11; 14,10-12.

(53) Cf. Mt 5,43-47.

inimigos: "Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu porém vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam" (Mt 5,43-44).

A igualdade essencial entre todos os homens e a justiça social

29. Dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem; redimidos por Cristo, todos gozam da mesma vocação e destinação divina: deve-se portanto reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental entre todos.

Na verdade nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião, deve ser superada e eliminada, porque contrária ao plano de Deus. É de lamentar realmente que aquêles direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda garantidos por tóda a parte. É o caso quando se nega à mulher a faculdade de escolher livremente o seu espôso, de abraçar seu estado de vida ou o acesso à mesma cultura e educação que se admitem para o homem.

Além disso, ainda que haja entre os homens justas diferenças, a igual dignidade das pessoas postula que se chegue a uma condição de vida mais humana e mais eqüitativa. Pois as excessivas desigualdades econômicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam escândalo e são contrárias à justiça social, à eqüidade, à dignidade da pessoa humana e à paz social e internacional.

As instituições humanas, particulares ou públicas, se esforcem por servir à dignidade e ao fim do homem. Ao mesmo tempo lutem denodadamente contra qualquer espécie de servidão tanto social quanto política e respeitem os direitos fundamentais do homem sob qualquer regime político. Além disso, é necessário que estas instituições pouco a pouco se adaptem às exigências espirituais, superiores a tudo, ainda que às vêzes seja necessário um tempo bastante longo para chegarem ao fim desejado.

A superação de uma ética individualista

30. A transformação profunda e rápida das coisas pede com mais urgência que ninguém, desatento ao curso dos acontecimentos ou entorpecido pela inércia, se contente com uma ética meramente individualista. Cumpram-se cada vez melhor os deveres de justiça e caridade, se cada um, contribuindo para o bem comum segundo suas capacidades e as necessidades dos outros, promover e ajudar também as instituições públicas e particulares que estão a serviço de um aprimoramento das condições de vida dos homens. Alguns há que, proclamando opiniões largas e generosas, na prática vivem sempre sem cuidado algum com as necessidades da sociedade. Pior

ainda. Muitos, em diversas regiões, menosprezam as leis e prescrições sociais. Não poucos, por diversas formas de fraude e de dolo, não têm escrúpulo de sonegar os impostos justos ou outras contribuições devidas à sociedade. Têm outros em pouca conta algumas normas da vida social, como por exemplo para a proteção da saúde, ou as estabelecidas para regular o trânsito de veículos, não advertindo que por esta falta de cuidado colocam em perigo a própria vida e a dos outros.

Que todos considerem como obrigação sagrada enumerar as relações sociais entre os principais deveres do homem de hoje e observá-las. Com efeito, quanto mais se une o mundo, mais abertamente as funções humanas superam os grupos particulares e estendem-se pouco a pouco ao mundo inteiro. E isto não se pode fazer sem que os indivíduos e seus grupos cultivem em si mesmos as virtudes morais e sociais e as difundam na sociedade. Assim aparecerão, com o necessário auxílio da graça divina, homens realmente novos e construtores de uma humanidade nova.

Responsabilidade e participação

31. Para que cada indivíduo cumpra com mais solicitude o seu dever de consciência, tanto para consigo mesmo quanto para com os diversos grupos dos quais é membro, deve ser educado com diligência para uma cultura mais vasta do espírito, valendo-se dos recursos que hoje estão ao alcance do gênero humano. Antes de tudo deve-se organizar de tal maneira a educação dos jovens, seja qual fôr sua origem social, que surjam homens e mulheres não somente cultos mas também de personalidade forte, como se exigem urgentemente em nossos tempos.

Mas o homem chega dificilmente a êste sentido de responsabilidade se as condições de vida não lhe permitirem tomar consciência de sua dignidade e corresponder à sua vocação dedicando-se a Deus e aos outros. A liberdade humana estiola-se muitas vêzes quando o homem cai em miséria extrema, assim como se degrada quando, complacente com as excessivas facilidades da vida, se fecha numa espécie de torre de marfim. O homem se fortalece, ao contrário, quando compreende as inevitáveis necessidades da vida social, assume as exigências multiformes da solidariedade humana e se responsabiliza pelo serviço à comunidade humana.

Por isso deve ser estimulada a vontade de todos de participar das iniciativas comunitárias. Deve-se louvar também a maneira de proceder daquelas nações onde a maior parte dos cidadãos, com autêntica liberdade, participam da vida pública. Deve-se levar em conta contudo a condição concreta de cada povo e do necessário vigor da autoridade pública. Mas para que todos os cidadãos estejam dispostos a participar da vida dos diversos grupos, dos quais consta o corpo social, é necessário que encontrem nestes grupos os bens que os atraiam e os disponham para o serviço dos seus semelhantes. Podemos pensar com razão em depositar o futuro da humanidade nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações de amanhã razões de viver e de esperar.

O Verbo Encarnado e a solidariedade humana

32. Como Deus não criou os homens para viverem isoladamente mas formarem uma união social, assim também Lhe “agradou... santificar e salvar os homens não individualmente, excluindo qualquer conexão mútua, mas constituí-los em um povo, que O reconhecesse na verdade e O servisse santamente” (54). Desde o início da história da salvação Deus escolheu os homens não como indivíduos somente, mas como membros de uma comunidade. Revelando o seu plano, Deus chamou êstes eleitos de “Seu povo” (*Ex* 3,7-12). Além disso, selou com êste povo uma aliança no Sinai (55).

Esta índole comunitária por obra de Jesus Cristo é aperfeiçoada e consumada. O próprio Verbo Encarnado quis participar da comunidade humana. Estêve presente às bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu e assentou-se à mesa com publicanos e pecadores. Revelou o amor do Pai e a exímia vocação dos homens evocando as realidades mais comuns da vida social e usando locuções e imagens inteiramente da vida cotidiana. Santificou as relações humanas, sobretudo as familiares, das quais derivam as relações sociais. Voluntariamente Se submeteu às leis de Sua pátria. Quis levar a vida de operário própria de Seu tempo e de Sua região.

Na Sua pregação claramente ordenou que os filhos de Deus se tratassem mutuamente como irmãos. Em Sua oração pediu que todos os seus discípulos fôssem “uni”. Bem mais. Êle próprio, até à morte, ofereceu-Se por todos como Redentor de todos. “Ninguém tem mais amor do que aquêle que dá a sua vida por seus amigos” (*Jo* 15,13). Mandou Seus apóstolos pregarem a mensagem evangélica a todos os povos, para que o gênero humano se tornasse a família de Deus, na qual a plenitude da lei seria o amor.

Primogênito entre muitos irmãos, depois de Sua morte e de Sua ressurreição, pelo dom do seu Espírito, Êle instituiu, entre todos aquêles que o recebem pela fé e pelo amor, nova comunidade fraternal, em seu Corpo, que é a Igreja. Nêle todos, membros uns dos outros, segundo a diversidade de dons que lhes são concedidos, devem ajudar-se mutuamente.

Esta solidariedade deverá crescer sempre até o dia de sua consumação. Neste dia os homens, salvos pela graça, como família amada por Deus e por Cristo Irmão, darão perfeita glória a Deus.

CAPÍTULO III

SENTIDO DA ATIVIDADE HUMANA NO MUNDO

Colocação do problema

33. Por seu trabalho e inteligência, o homem tentou sempre desenvolver mais a sua vida. Hoje porém, sobretudo ajudado pela ciência e

(54) Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 3, n. 9: AAS 57 (1965), pp. 12-13.

(55) Cf. *Ex* 24,1-8.

técnica, o homem alargou, e alarga continuamente o seu domínio sobre quase toda a natureza; primeiro com o auxílio de maiores recursos do variado comércio entre as nações, a família humana pouco a pouco se reconhece e se constitui como comunidade do mundo inteiro. Por isso, muitos bens que o homem aguardava antigamente sobretudo de forças superiores, hoje já os consegue pelo trabalho próprio.

Diante deste esforço imenso, que já penetra a humanidade inteira, surgem muitas perguntas entre os homens. Qual é o sentido e o valor desta atividade? Como todas estas coisas devem ser usadas? Para que fim caminha esse movimento, quer individual quer coletivo? A Igreja, guardiã do depósito da palavra de Deus do qual tira os princípios para a ordem religiosa e moral, ainda que não tenha sempre resposta imediata para todos os problemas, deseja unir a luz da revelação com a perícia de todos, para que se ilumine o caminho no qual a humanidade entrou recentemente.

Valor da atividade humana

34. Para os fiéis é pacífico que a atividade humana individual e coletiva, ou aquele empenho gigantesco no qual os homens se esforçam no decorrer dos séculos para melhorar as suas condições de vida, considerado em si mesmo, corresponde ao plano de Deus. Com efeito, o homem, criado à imagem de Deus, recebeu a ordem de dominar a terra com tudo o que ela contém e de governar o mundo na justiça e na santidade (56), isto é, reconhecendo Deus como Criador de todas as coisas, referindo-se a si mesmo assim como a universalidade das coisas a Deus, para que, com todas as coisas submetidas ao homem, o nome de Deus fosse admirável na terra inteira (57).

E isto diz respeito também aos trabalhos inteiramente cotidianos. Pois os homens e as mulheres que, quando lutam para a sustentação de sua vida e da família, exercem suas atividades de tal modo que sirvam bem à sociedade, podem legitimamente julgar que desenvolvem com o seu trabalho a obra do Criador. Ocupam-se dos interesses de seus irmãos e contribuem com sua ação pessoal para a execução do plano divino na história (58).

Portanto, bem longe de julgar que as obras produzidas pelo talento e energia dos homens se opõem ao poder de Deus e de considerar a criatura racional em competição com o Criador, os cristãos estão antes convencidos de que as vitórias do gênero humano são um sinal da magnitude de Deus e fruto de seu infável desígnio. Quanto mais porém cresce o poder dos homens tanto mais se estende a sua responsabilidade, seja pessoal seja comunitária. Onde aparece que a mensagem cristã não desvia os homens da construção do mundo nem os leva a negligenciar o bem de seus seme-

(56) Cf. Gn 1,26-27; 9,3; Sab 9,3.

(57) Cf. Sl 8,7 e 10.

(58) Cf. JOÃO XXIII, Enc. *Pacem in Terris*: AAS 55 (1963), p. 297.

lhantes, mas antes os obriga mais estritamente por dever a realizar tais coisas (59).

Reta ordenação da atividade humana

35. Assim como procede do homem, a atividade humana se ordena ao homem. Com efeito o homem, quando trabalha, transforma não somente as coisas e a sociedade, mas se aperfeiçoa a si mesmo. Ele aprende muitas coisas, desenvolve suas faculdades, se supera e se realiza. Este desenvolvimento, bem entendido, é de valor maior do que as riquezas externas que se podem ajuntar. O homem vale mais pelo que é do que pelo que tem (60). Igualmente, tudo o que os homens podem fazer para alcançar maior justiça, mais ampla fraternidade e uma organização mais humana nas relações sociais ultrapassa o valor do progresso técnico. Pois estes progressos podem oferecer como que a matéria para a promoção humana, mas por si só não a realizam de modo algum.

Portanto, esta é a norma da atividade humana que, de acordo com o plano e a vontade de Deus, convenha ao bem autêntico da humanidade e permita ao homem, individualmente ou colocado na sociedade, a educação e realização de sua vocação integral.

A justa autonomia das realidades terrestres

36. Contudo, muitos contemporâneos nossos parecem temer a união mais íntima da atividade humana com a religião; vêem nela um perigo para a autonomia dos homens, das sociedades e das ciências.

Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as próprias sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é necessário absolutamente exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte. Portanto, se a pesquisa metódica, em todas as ciências, proceder de maneira verdadeiramente científica e segundo as leis morais, na realidade nunca será oposta à fé: tanto as realidades profanas quanto as da fé originam-se do mesmo Deus (61). Mais ainda: Aquêle que tenta prescrutar com humildade e perseverança os segredos das coisas, ainda que disto não tome consciência, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todas as coisas, fazendo que elas sejam o que são. Portanto permita-se-nos lamen-

(59) Cf. *Mensagem dos Padres Conciliares à Humanidade*, de out. de 1964: AAS 54 (1962), p. 823.

(60) Cf. PAULO VI, *Discurso ao Corpo Diplomático*, de 7-01-1965: AAS 57 (1965), p. 232.

(61) Cf. CONC. VAT. I, *Const. dogm. De fide cath.*, cap. 3; DZ 1785-1786 (3004-3005).

tar algumas atitudes que não faltaram, às vezes entre os próprios cristãos, por não se reconhecer claramente a legítima autonomia das ciências. Nas disputas e controvérsias suscitadas por este motivo, levaram a mente de muitos a julgar que a fé e a ciência se opunham entre si (62).

Porém se pelas palavras "autonomia das realidades temporais" se entende que as coisas criadas não dependem de Deus, e o homem as pode usar sem referência ao Criador, todo aquele que admite Deus percebe o quanto sejam falsas tais máximas. Na verdade, sem o Criador, a criatura esvai-se. Além disso, todos os crentes, de qualquer religião, sempre ouviram a voz de Deus e a sua manifestação na linguagem das criaturas. E pelo esquecimento de Deus, a própria criatura torna-se obscura.

A atividade humana corrompida pelo pecado

37. De acôrdo com a experiência dos séculos, a Sagrada Escritura ensina à família humana que o progresso, um grande bem para o homem, traz consigo ao mesmo tempo uma tentação enorme. Com efeito, perturbada a jerarquia de valôres e misturando-se o bem com o mal, os indivíduos e os grupos olham somente os próprios interesses e não os dos outros. Por isso, o mundo já não é um lugar de fraternidade verdadeira, quando o aumentado poder da humanidade ameaça destruir o próprio gênero humano.

Uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade. Iniciada desde a origem do mundo, vai durar até o último dia, segundo as palavras do Senhor (63). Inserido nesta batalha, o homem deve lutar sempre para aderir ao bem; não consegue alcançar a unidade interior senão com grandes labutas e o auxílio da graça de Deus.

Por esta razão, a Igreja de Cristo, confiando nos desígnios do Criador, enquanto reconhece que o progresso humano pode ajudar a felicidade verdadeira dos homens, não pode contudo deixar de fazer ressoar a palavra do Apóstolo: "Não vos conformeis a este mundo" (*Rom* 12,2), isto é, àquele espírito de vaidade e malícia que transforma a atividade humana, ordenada ao serviço de Deus e do homem, em instrumento de pecado.

Se alguém portanto pergunta como se pode vencer aquela miséria, os cristãos confessam que tôdas as atividades humanas, diàriamente desviadas pela soberba e amor desordenado de si mesmo, devem ser purificadas pela cruz e ressurreição de Cristo e encaminhadas à perfeição. Remido por Cristo e tornado criatura nova no Espírito Santo, o homem pode e deve amar as próprias coisas criadas por Deus. Pois êle as recebe de Deus e as olha e respeita como que saindo de Suas mãos. Agradece ao Benfeitor os objetos criados e usa-os e frui-os na pobreza e liberdade de espírito. É assim introduzido na verdadeira posse do mundo, como se nada tivesse mas possuísse tudo (64). "Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus" (*I Cor* 3,22-23).

(62) Cf. MONS. PIO PASCHINI, *Vita e opere di Galileo Galilei*, 2 Lib., ed. Vatic. (1964).

(63) Cf. *Mt* 24,13; 13,24-30 e 36-43.

(64) Cf. *II Cor* 6,10.

A atividade humana elevada à perfeição no mistério pascal

38. O Verbo de Deus, por Quem tôdas as coisas foram feitas, encarnou-Se e habitou na terra dos homens (65). Como homem: perfeito entrou na história do mundo, assumindo-a em Si mesmo e em Si recapitulando tôdas as coisas (66). Ele nos revela que "Deus é amor" (I Jo 4,8). Ao mesmo tempo nos ensina que a lei fundamental da perfeição humana, e portanto da transformação do mundo, é o mandamento nôvo do amor. Aos que acreditam na caridade, certifica estar aberto o caminho do amor para todos os homens e não ser inútil o esforço para a instauração da fraternidade universal. Admoesta, ao mesmo tempo, que esta caridade deve ser exercida não só nas ações retumbantes mas sobretudo nas circunstâncias ordinárias da vida. Sofrendo a morte por todos nós pecadores (67), ensina-nos com Seu exemplo que deve ser também carregada a cruz colocada pela carne e pelo mundo sôbre os ombros daqueles que procuram a paz e a justiça. Constituído Senhor por sua ressurreição, Cristo, a quem foi dado todo poder no céu e na terra (68), já opera pela virtude de Seu Espírito nos corações dos homens; não somente desperta o desejo da vida futura, mas por isso mesmo anima, purifica e fortalece também aquelas aspirações generosas com as quais a família humana se esforça por tornar mais humana a sua própria existência e submeter a terra inteira a êste fim. Os dons do Espírito são porém diversos. Enquanto chama uns para que, pelo desejo da habitação celeste, tornem manifesto o seu testemunho e o conservem vivo na família humana, chama outros a se dedicarem ao serviço terreno dos homens, preparando com êste ministério a matéria do reino celestial. Contudo liberta todos para que, renunciando ao amor próprio e assumindo tôdas as fôrças terrestres em benefício da vida humana, se estendam às realidades futuras, quando a própria humanidade se transformará em oferta agradável a Deus (69).

O Senhor deixou para os seus um penhor desta esperança e um viático para esta caminhada: aquêle sacramento de fé, no qual os elementos da natureza, cultivados pelo homem, se convertem no Corpo e Sangue glorioso, na ceia da comunhão fraterna e prelibação do banquete celeste.

Nova terra e nôvo céu

39. Nós ignoramos o tempo da consumação da terra e da humanidade (70) e desconhecemos a maneira de transformação do universo. Passa certamente a figura dêste mundo deformada pelo pecado (71), mas aprendemos que Deus prepara morada nova e nova terra. Nela habita a jus-

(65) Cf. Jo 1,3 e 14.

(66) Cf. Ef 1,10.

(67) Cf. Jo 3,16; Rom 5,8.

(68) Cf. At 2,36; Mt 28,18.

(69) Cf. Rom 15,16.

(70) Cf. At 1,7.

(71) Cf. I Cor 7,31; S. IRENEU, Adv. Haer. V,36 : PG VIII, 1221.

tiça (72) e sua felicidade irá satisfazer e superar todos os desejos da paz que sobem nos corações dos homens (73). Então, vencida a morte, os filhos de Deus ressuscitarão em Cristo, e o que foi semeado na fraqueza e na corrupção revestir-se-á de incorrupção (74). Permanecerão o amor e sua obra (75) e será libertada da servidão da vaidade toda aquela criação (76) que Deus fêz para o homem.

Somos advertidos, com efeito, de que não adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a si mesmo (77). Contudo a esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra. Nela cresce o corpo da nova família humana que já pode apresentar algum esboço do novo século. Por isso, ainda que o progresso terreno deva ser cuidadosamente distinguido do aumento do Reino de Cristo, contudo é de grande interêsse para o Reino de Deus (78), na medida em que pode contribuir para organizar a sociedade humana.

Depois que propagarmos na terra, no Espírito do Senhor e por Sua ordem, os valôres da dignidade humana, da comunidade fraterna e da liberdade, todos êstes bons frutos da natureza e do nosso trabalho, nós os encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai "o reino eterno e universal, reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz" (79). O Reino já está presente em mistério aqui na terra. Chegando o Senhor, êle se consumará.

CAPÍTULO IV

FUNÇÃO DA IGREJA NO MUNDO DE HOJE

Relação mútua entre a Igreja e o mundo

40. Tudo o que temos dito sôbre a dignidade da pessoa humana, sôbre a comunidade dos homens e sôbre o significado último da atividade humana, constitui o fundamento das relações entre a Igreja e o mundo e também a base de seu diálogo mútuo (80). Por isso, neste capítulo, presumo tudo o que já foi publicado por êste Concílio sôbre o mistério da Igreja, a mesma Igreja vai ser considerada agora enquanto ela existe neste mundo e com êle vive e age.

(72) Cf. II Cor 5,2; II Pe 3,13.

(73) Cf. I Cor 2,9; Apoc 21,4-5.

(74) Cf. I Cor 15,42 e 53.

(75) Cf. I Cor 13,8; 3,14.

(76) Cf. Rom 8,19-21.

(77) Cf. PIO XI, Enc. *Quadragesimo Anno*: AAS 23 (1931), p. 207.

(78) Prefácio da Festa de Cristo Rei.

(79) Cf. PAULO VI, Enc. *Ecclesiam Suam*, III: AAS 56 (1964), pp. 637-639.

(80) Cf. Lc 9,25.

Nascida do amor do Pai eterno (81), fundada no tempo do Cristo Redentor e coadunada no Espírito Santo (82), a Igreja tem um fim salutar e escatológico que não pode ser atingido plenamente senão na vida futura. Contudo, ela já está presente aqui na terra, composta de homens membros da cidade terrestre, chamados justamente a formarem já na história do gênero humano a família dos filhos de Deus, que deve crescer sempre até a vinda do Senhor. Unida em vista dos bens celestiais e deles enriquecida, esta família foi por Cristo "fundada e organizada neste mundo como sociedade" (83) e provida "de meios aptos de união visível e social" (84). Dêste modo a Igreja se manifesta ao mesmo tempo como "assembleia visível e comunidade espiritual" (85) e caminha juntamente com a humanidade inteira. Experimenta com o mundo a mesma sorte terrena; é como que o fermento e a alma da sociedade humana (86) a ser renovada em Cristo e transformada na família de Deus.

Esta interpenetração da cidade terrestre e celeste não pode ser percebida senão pela fé; bem mais, permanece o mistério da história humana, que é perturbada pelo pecado até a revelação plena da claridade dos filhos de Deus. A Igreja, contudo, seguindo o seu fim próprio salutar, não somente comunica ao homem a vida divina, mas também irradia a sua luz, de certo modo refletida sobre o mundo inteiro, principalmente porque restabelece e eleva a dignidade da pessoa humana, fortalece a coesão da sociedade humana e reveste de sentido mais profundo e de significação a atividade cotidiana dos homens. Dêste modo, através de cada um de seus membros e de toda a sua comunidade, a Igreja acredita poder ajudar muito a tornar mais humana a família dos homens e sua história.

Além disso a Igreja Católica de boa vontade aprecia muito o que as outras Igrejas cristãs ou comunidades eclesásticas realizaram e realizam em trabalho conjunto para o cumprimento da mesma missão. Ao mesmo tempo está firmemente persuadida de que pode receber preciosa e diversificada ajuda do mundo, não só dos homens em particular, mas também da sociedade, dos seus dotes e atividades, na preparação do Evangelho. A seguir expõem-se alguns princípios gerais para a adequada promoção destas relações e auxílios mútuos, naqueles setores que são de algum modo comuns à Igreja e ao mundo.

O auxílio que a Igreja se esforça para prestar a cada homem

41. O homem de hoje está a caminho de desenvolver mais plenamente a sua personalidade e de descobrir e afirmar, cada dia mais, os seus direitos. Mas como foi confiada à Igreja manifestar o mistério de Deus, dêste Deus que é o fim último do homem, ao mesmo tempo revela ao

(81) Cf. TITO 3,4: "Philanthropia".

(82) Cf. Ef 1,3; 5,6; 13-14,23.

(83) Cf. CONC. VAT. II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 1, n. 8: AAS 57 (1965), p. 12.

(84) Ibid., cap. 2, n. 9: AAS 57 (1965), p. 14; cf. n. 8, loc. cit.

(85) Ibid., cap. 1, n. 8: AAS 57 (1965), p. 11.

(86) Cf. ibid., cap. 4, n. 38: AAS 57 (1965), p. 43, com a nota 120.

homem o sentido de sua própria existência, a saber, a verdade essencial a respeito do homem. A Igreja sabe perfeitamente que só Deus, ao qual serve, responde às aspirações profundíssimas do coração humano, que nunca se sacia plenamente com os alimentos terrestres. Sabe além disso que o homem, impulsionado sem cessar pelo Espírito de Deus, jamais será de todo indiferente aos problemas da religião, como se comprova não só pela experiência dos séculos passados, mas também pelo abundante testemunho dos nossos. O homem, com efeito, desejará sempre conhecer, ao menos confusamente, o significado de sua vida, de sua atividade e de sua morte. A própria presença da Igreja recorda-lhe estes problemas: Ora, somente Deus, que criou o homem à sua imagem e o remiu do pecado, oferecerá uma resposta satisfatória a estas questões. Realiza isto pela revelação em Cristo, seu divino Filho, que Se fez homem. Todo aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se ele também mais homem.

Apoiada nesta fé, a Igreja pode subtrair a dignidade da natureza humana a tôdas as mudanças de opiniões que, por exemplo, ou deprimem demasiadamente ou exaltam sem medidas o corpo humano. A dignidade pessoal e a liberdade do homem não podem ser adequadamente asseguradas por nenhuma lei humana, como o são pelo Evangelho de Cristo confiado à Igreja. Com efeito, este Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus, rejeita tôda a servidão derivada em última análise do pecado (87), respeita escrupulosamente a dignidade da consciência e a sua decisão livre, adverte sem cansar que todos os talentos humanos devem ser reduplicados para o serviço de Deus e o bem dos homens e, finalmente, recomenda todos à caridade de todos (88). Isto corresponde à lei fundamental da economia cristã. Ainda que o mesmo Deus Criador seja Salvador e igualmente Senhor, tanto da história humana como também da história da salvação, contudo, esta própria ordem divina, longe de suprimir a autonomia justa da criatura e principalmente do homem, antes a restabelece e confirma em sua dignidade.

A Igreja, portanto, por força do Evangelho que lhe foi confiado, proclama os direitos dos homens e admite e aprecia muito o dinamismo do tempo de hoje, que promove estes direitos por tôda parte. Mas este movimento deve ser animado pelo espírito do Evangelho e protegido contra tôdas as aparências da falsa autonomia. Pois somos expostos à tentação de pensar que os nossos direitos pessoais só estão plenamente garantidos quando nos desligamos de tôdas as normas da Lei divina. Por este caminho porém, longe de ser salva, a dignidade da pessoa humana perece.

O auxílio que a Igreja se esforça para prestar à dignidade humana

42. A união da família humana é consideravelmente roborada e completada pela unidade dos filhos de Deus, que se fundamenta em Cristo (89).

(87) Cf. Rom 8,14-17.

(88) Cf. Mt 22,39.

(89) Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 2, n. 9: AAS 57 (1965), pp. 12-14.

A missão própria que Cristo confiou à sua Igreja por certo não é de ordem política, econômica ou social. Pois a finalidade que Cristo lhe prefixou é de ordem religiosa (90). Mas, na verdade, desta mesma missão religiosa decorrem benefícios, luzes e forças que podem auxiliar a organização e o fortalecimento da comunidade humana segundo a Lei de Deus. Do mesmo modo, onde fôr necessário, de acôrdo com as circunstâncias de tempo e lugar, a Igreja pode e deve promover atividades destinadas ao serviço de todos, sobretudo dos indigentes, como são as obras de misericórdia e outras semelhantes.

Além disso, a Igreja admite tudo o que há de bom no dinamismo social de hoje, principalmente a evolução para a unidade, a marcha da sã socialização e da solidariedade no plano civil e econômico. Com efeito, a promoção da unidade se harmoniza com a missão íntima da Igreja, porquanto ela é "em Cristo como que um sacramento ou sinal e instrumento da união profunda com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (91). Dêste modo ela mostra ao mundo que a verdadeira união social externa decorre da união dos espíritos e dos corações, isto é, daquela fé e caridade pelas quais sua unidade foi construída indissolúvelmente no Espírito Santo. A energia que a Igreja pode insuflar à sociedade humana atual consiste naquela fé e caridade, levadas à prática na vida, e não no exercício de algum domínio externo, através de meios meramente humanos.

Além disso, a Igreja não se prende, por força de sua missão e natureza, a nenhuma forma particular de cultura humana, sistema político, econômico ou social; por causa desta sua universalidade, pode aparecer como uma ligação muito estreita entre as diversas comunidades humanas e nações, desde que elas tenham confiança na Igreja e lhe reconheçam efetivamente a verdadeira liberdade para o desempenho de sua missão. Por esta razão, a Igreja aconselha seus filhos e também todos os homens a superar, neste espírito familiar de filhos de Deus, tôdas as desavenças entre nações e raças e a consolidar do interior tôdas as legítimas associações humanas.

O Concílio considera portanto, com grande respeito, tôdas as coisas verdadeiras, boas e justas, nas múltiplas instituições, que a humanidade construiu e constrói para si sem cessar. Declara, além do mais, que a Igreja quer ajudar e promover tôdas estas instituições, enquanto isto depender dela e estiver de acôrdo com a sua missão. Para servir ao bem de todos, ela nada deseja mais ardentemente do que poder desenvolver-se livremente, sob qualquer regime que reconheça os direitos fundamentais da pessoa e da família e os imperativos do bem comum.

(90) Cf. PIO XII, Discurso aos Historiadores e Artistas, de 9-03-1956: AAS 48 (1956), p. 212: "O seu Divino Fundador, Jesus Cristo, não lhe deu nenhum mandato nem lhe fixou nenhum fim de ordem cultural. A finalidade que Cristo lhe designa é estritamente religiosa (...). A Igreja deve conduzir os homens a Deus, a fim de que eles se entreguem a Deus sem reserva (...). A Igreja jamais pode perder de vista essa finalidade estritamente religiosa, sobrenatural. O sentido de tôdas as suas atividades, até o último Cânone de seu Código, não pode ser senão concorrer para ela direta ou indiretamente" (cf. REB, 1956, p. 482).

(91) Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 1, n. 1: AAS 57 (1965), p. 5.

O auxílio que a Igreja se esforça para prestar à atividade humana, através dos cristãos

43. O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de uma e outra cidade, a procurarem desempenhar fielmente suas tarefas terrestres, guiados pelo espírito do Evangelho. Afastam-se da verdade os que, sabendo não termos aqui cidade permanente, mas buscaremos a futura (92), julgam, por conseguinte, poderem negligenciar os seus deveres terrestres, sem perceberem que estão mais obrigados a cumpri-los, por causa da própria fé, de acordo com a vocação à qual cada um foi chamado (93). Não erram menos aqueles que, ao contrário, pensam que podem entregar-se de tal maneira às atividades terrestres, como se eles fossem absolutamente alheios à vida religiosa, julgando que esta consiste somente nos atos do culto e no cumprimento de alguns deveres morais. Este divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo. Os profetas do Velho Testamento já denunciaram com veemência este escândalo (94). E no Novo Testamento, o próprio Jesus Cristo o ameaçava muito com graves penas (95). Portanto não se crie oposição artificial entre as atividades profissionais e sociais de uma parte, e de outra, a vida religiosa. Ao negligenciar os seus deveres temporais, o cristão negligencia os seus deveres para com o próximo e o próprio Deus e coloca em perigo a sua salvação eterna. A exemplo de Cristo, que exerceu a profissão de operário, alegrem-se antes os cristãos, porque podem desempenhar todas as suas atividades terrestres, unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos, em síntese vital com valores religiosos, sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para a glória de Deus.

As profissões e atividades seculares competem propriamente aos leigos, ainda que não de modo exclusivo. Portanto, quando agem como cidadãos do mundo, particular ou associativamente, observarão não só as leis próprias de cada disciplina, mas procurarão adquirir competência verdadeira naqueles campos. Irão cooperar, de bom grado, com os homens que buscam os mesmos objetivos. Reconhecendo as exigências da fé e dotados de sua virtude, onde for necessário, sem hesitação, descubram novas iniciativas, levando-as à prática. Pertence-lhes à consciência, já adequadamente formada, gravar a lei divina na vida da cidade terrestre. Os leigos esperam dos sacerdotes luz e força espiritual. Contudo, não julguem serem os seus pastores sempre tão competentes que possam ter uma solução concreta e imediata para toda a questão que surja, mesmo grave, ou que seja esta a missão deles. Os leigos, ao contrário, esclarecidos pela sabedoria cristã e prestando atenção cuidadosa à doutrina do Magistério (96), assumam suas responsabilidades.

(92) Cf. Heb 13,14.

(93) Cf. II Tess 3,6-13; Ef 4,28.

(94) Cf. Is 58,1-12.

(95) Cf. Mt 23,3-23; Mc 7,10-13.

(96) Cf. JOAO XXIII, Enc. Mater et Magistra, IV: AAS 53 (1961), pp. 456-457; c. I: AAS, loc. cit., pp. 407, 410-411.

Muitas vezes, a própria visão cristã das coisas incliná-los-á a uma solução determinada, em algumas circunstâncias reais. Outros fiéis, contudo, como acontece com frequência e legitimamente, com igual sinceridade pensarão de modo diferente, sobre a mesma coisa. Se depois as soluções apresentadas, mesmo sem intenção das partes, são facilmente ligadas por muitos à mensagem evangélica, é preciso se lembrarem que não é lícito a ninguém, nos casos citados, reivindicar exclusivamente para a sua sentença a autoridade da Igreja. Mas procurem, em diálogo sincero, esclarecer-se reciprocamente, conservando a caridade mútua, e preocupados em primeiro lugar com o bem comum.

Os leigos, que devem participar ativamente em toda a vida da Igreja, estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a serem testemunhos de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana.

Os bispos, aos quais foi confiada a missão de dirigir a Igreja de Deus, juntamente com seus presbíteros, preguem a mensagem de Cristo de tal modo que todas as atividades terrestres dos fiéis sejam banhadas pela luz do Evangelho. Além disso, todos os pastores estejam lembrados de que, com o seu comportamento cotidiano e sua solícitude (97), apresentam ao mundo a face da Igreja, por onde os homens julgam a força e a verdade da mensagem cristã. Pela vida e palavra, juntamente com os religiosos e seus fiéis, demonstrem que a Igreja, só por sua presença, com todos os dons que possui, é uma fonte inesgotável daquelas virtudes de que o mundo de hoje tanto precisa. Com estudos assíduos tornem-se de tal modo aptos que possam participar do diálogo a ser estabelecido com o mundo e com os homens de todas as opiniões. Mas antes de tudo guardem no coração as palavras deste Concílio: "Já que hoje em dia o gênero humano tende cada vez mais a uma unidade civil, econômica e social, é mais necessário, por isso mesmo, que os sacerdotes, congregando os cuidados e as forças, sob a direção dos bispos e do Sumo Pontífice, evitem qualquer motivo de dispersão, para que todo o gênero humano seja levado à unidade da família de Deus" (98).

Ainda que a Igreja, por virtude do Espírito Santo, tenha permanecido a fiel esposa de seu Senhor e não cessado jamais de ser um sinal de salvação para o mundo, ela contudo não ignora de modo algum que não faltaram entre seus membros (99), clérigos e leigos, na série ininterrupta de tantos séculos, os que foram infiéis ao Espírito de Deus. Também em nossos tempos não ignora a Igreja quanto se distanciam entre si a mensagem que ela profere e a fraqueza humana daqueles aos quais o Evangelho foi confiado. Seja qual for o juízo que a história pronunciar sobre estes defeitos, devemos estar conscientes deles, combatê-los vigorosamente, para que eles não tragam prejuízo à difusão do Evangelho. Para desenvolver suas relações com o mundo, a Igreja sabe igualmente o quanto deve con-

(97) Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 3, n. 28: AAS 57 (1965), p. 35.

(98) *Ibid.*, n. 28: AAS loc. cit., pp. 35-36.

(99) Cf. S. AMBRÓSIO, *De Virgin.*, cap. 8, n. 48: PL 16,278.

tinuamente aprender da experiência dos séculos. Guiada pelo Espírito Santo, a Mãe Igreja exorta os seus filhos incansavelmente à purificação e renovação, para que o sinal de Cristo brilhe mais claramente sobre a face da Igreja (100).

O auxílio que a Igreja recebe do mundo de hoje

44. Assim como é do interesse do mundo admitir a Igreja como realidade social da história e seu fermento, também a própria Igreja não ignora o quanto tenha recebido da história e da evolução da humanidade.

A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências, os tesouros escondidos nas várias formas da cultura humana, pelos quais a natureza do próprio homem se manifesta mais plenamente e se abrem novos caminhos para a verdade, são úteis também à Igreja. Ela própria, com efeito, desde o início de sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo através dos conceitos e linguagens dos diversos povos e, além disso, tentou ilustrá-la com a sabedoria dos filósofos; com o fim de adaptar o Evangelho, enquanto possível, à capacidade de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer como lei de toda a evangelização. Dêste modo estimula-se em todas as nações a possibilidade de exprimirem a seu modo a mensagem de Cristo e promove-se ao mesmo tempo um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos povos (101). Para aumentar este intercâmbio, sobretudo em nossos tempos, nos quais as coisas se mudam tão rapidamente e variam muito os modos de pensar, a Igreja precisa do auxílio, de modo peculiar, daqueles que, crentes ou não crentes, vivendo no mundo, conhecem bem os vários sistemas e disciplinas e entendem a sua mentalidade profunda. Compete a todo Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo; e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado.

Tendo uma estrutura social visível, sinal de sua unidade em Cristo, a Igreja pode enriquecer-se e de fato se enriquece também com a evolução da vida humana social, não porque lhe falte alguma coisa em sua constituição que lhe foi dada por Cristo, mas para conhecê-la mais profundamente, melhor exprimi-la e adaptá-la de modo mais feliz aos nossos tempos. Ela compreende de bom grado que recebe, na sua comunidade não menos que em cada um de seus filhos, auxílio variado dos homens de todas as classes e condições. Todos aqueles que promovem a comunidade humana, no plano da família, da cultura, da vida econômica e social e da política (tanto nacional quanto internacional), de acordo com o plano de Deus, prestam um auxílio não pequeno também à comunidade eclesial, enquanto ela depende das coisas externas. Mais ainda. A Igreja confessa que pro-

(100) Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 2, n. 15: AAS 57 (1965), p. 20.

(101) Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 2, n. 13: AAS 57 (1965), p. 17.

grediu muito e pode progredir com a própria oposição dos seus adversários ou perseguidores (102).

Cristo, alfa e ômega

45. A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade. Todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode prestar à família dos homens, deriva de fato de ser a Igreja "o sacramento universal da salvação" (103), manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério de amor de Deus para com o homem.

Pois o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, Ele próprio Se encarnou, de tal modo que, como homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos (104). A Ele é que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita constituindo-O juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana, que concorda plenamente com o seu desígnio de amor: "Reunir todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra" (Ef 1,10).

O próprio Senhor diz: "Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim" (Apoc 22,12-13).

(Continua no próximo número)

(102) Cf. JUSTINO, *Dial. cum Tryphone*, cap. 110: PG 6,729 (ed. Otto), 1897, pp. 391-393: "...mas quanto mais nos infligem semelhantes coisas, tanto mais os outros se tornam fiéis e piedosos pelo nome de Jesus". (Cf. TERTULIANO, *Apologeticus*, cap. L, 13: Corp. Christ., ser. lat., I, p. 171: "Quanto mais formos por vós ceifados, mais cresceremos: o sangue dos cristãos é semente!". Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 2, n. 9: AAS 57 (1966), p. 14.

(103) Cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, cap. 3, n. 15: AAS 57 (1966), p. 20.

(104) Cf. PAULO VI, *Alocução de 3-02-1966*.

Vida Religiosa: Caminhos de Renovação

Na sessão de estudos para mestras de noviças levada a efeito pela CRB no Rio, de 28 de novembro a 31 de dezembro último, Frei Cláudio van Balen, O. Carm., apresentou a conferência que ora publicamos. Dada porém a angústia de espaço, vimos-nos impedidos de publicá-la na íntegra, deixando mesmo assim à consideração dos leitores um trabalho, com passagens suscetíveis talvez de discussão, mas que reflete sem dúvida o espírito de crítica e renovação necessárias que insufla hoje a Igreja, em sua estrutura e vida, em seus institutos religiosos e obras. Como motivação, e bem a propósito para encetar a palestra, o autor lembra as palavras de Isaías (54,2; cf. 43,18 s) :

Amplia o espaço da tua tenda, desdobra sem constrangimento as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas, pois deverás estender-te à direita e à esquerda.

FREI CLÁUDIO VAN BALEN, O.CARM.

A vida religiosa deve renovar-se em tôdas as suas dimensões: no seu VIVER, ORAR e AGIR (*Perfectae Caritatis*, 3).

Vida religiosa em crise

Atualmente ouvimos — quando não fazemos — críticas à vida religiosa; sua estrutura ou vivência do ideal religioso, o espírito da congregação, a formação que recebemos ou que estamos dando, as tarefas apostólicas em que nos comprometemos. E, fato inaudito: a crise crescente não se

deve, sempre, só, nem primeiramente, à diminuição do fervor religioso, mas, sobretudo, à falta de confiança interna em nossa própria vida religiosa.

— Tem ainda sentido nossa forma concreta de vida religiosa?

— Nossa vida espiritual é ainda fonte de energia para nós mesmos, para a Igreja, para o mundo?

— É verdadeiramente efetiva nossa ação apostólica como parte integrante do apostolado de conjunto, a serviço da formação de comunidade de fé, de esperança e de caridade?

— Acaso nossa vida religiosa, globalmente tomada, se tornou obsoleta, esclerosada, inautêntica, a ponto de não mais poder atrair os jovens nem mais poder fazer jus a novas vocações?

— Desempenhamos nós realmente função positiva na Igreja e no mundo de hoje deste nosso Brasil?

— Estamos dando real contribuição à vida da Igreja, isto é, àquela vida que se recria continuamente?

Muitas perguntas... que refletem uma angústia! Uma coisa é certa: *estamos em crise!* E esta crise, apesar dos seus eventuais aspectos negativos, é providencial. Ela tem um sentido positivo no plano de Deus para conosco, a Igreja, o mundo. É um instrumento na mão de Deus para nos forçar a uma busca de renovada autenticidade, a uma renovação de valores religiosos e humanos dentro das comunidades, a uma adesão mais livre e mais madura, a um testemunho mais eloquente dentro da Igreja, a um serviço mais rendoso para o mundo atual.

A crise no seu contexto

A vida religiosa é peculiarmente "procura de Deus". Seu dinamismo é essencialmente teocêntrico; seu clima de vida, totalmente teologal. Ela, pois, dinamiza a consagração batismal e assim intensifica a nossa:

— relação *filial* com DEUS: abandono ao Pai na docilidade ao Espírito Santo;

— relação *fraternal* com CRISTO e com o PRÓXIMO: seguir a Cristo no serviço humilde e obediente, no amor ao Pai e aos irmãos;

— relação *serviçal* com o MUNDO: testemunho de vida, esforço humanizador, atividade missionária.

Desta maneira a vida religiosa se torna um sinal:

— para a Igreja, salientando o que ela é, faz e espera;

— para os cristãos, avivando-lhes o senso de sua vocação cristã;

— para o mundo, mostrando-lhes na sua pureza os valores que tanto deseja e procura, bem como seu autor e fim.

Através dos atuais acontecimentos e crises, Deus nos quer obrigar a maior fidelidade aos nossos valores fundamentais e perenes. Esta fidelidade consiste sobretudo em vivermos a nossa consagração pela vivência das

virtudes teológicas dinamizadas e levadas às últimas conseqüências pela vivência abnegada dos conselhos evangélicos, dentro da vida comum e eclesial.

Mas não é tão simples! Este núcleo da vida religiosa não é algo de estático, e sim de essencialmente dinâmico, destinado a contínuo crescimento. É que a vida religiosa se concretiza, se encarna na Igreja, que é um mistério em crescimento, e no mundo, que atualmente se encontra em ritmo acelerado de evolução. Assim, a vida da Igreja e do mundo devem necessariamente condicionar a vivência concreta da vida religiosa, que é uma peculiar vivência da própria vida eclesial a serviço do mundo (cf. *Gaudium et Spes*, 58).

A vida religiosa, portanto, além de ser vivida a partir de Deus e da Igreja, é também vivida a partir do mundo ou segundo o condicionamento histórico da época e lugar. Razão por que o Concílio manda adaptar, renovar a vida religiosa às "exigências culturais" (cf. *Perf. Car.*, 3).

Enquanto participa simultaneamente da vida da Igreja e do mundo, a vida religiosa apresenta aspectos divinos e humanos, eternos e temporais, perenes e mutáveis. Também nela, até que Deus queira que subsista e cresça, o Espírito Santo suscita um movimento ininterrupto de constante maturação, através da marcha pela história.

Vive-se, portanto, da lei de crescimento, próprio a todo organismo vivo. E isto comporta dinamismo interno, mas também lentidão e dificuldades, embora passageiras. Um ser vivo cresce na medida em que se modifica; e cresce em tôdas as suas partes, sem que perca a sua *mesmidade*. É a lei da mudança que garante a identidade e continuidade. A mudança é necessária para que a vida possa subsistir. Em concreto, o imobilismo repugna à natureza da vocação cristã e religiosa, é contrário à mensagem evangélica. Aqui a fidelidade é feita da maturação progressiva, de constante rejuvenescimento na continuidade. E continuidade e rejuvenescimento se implicam mutuamente.

Mas desde já é bom observar que a autêntica renovação é extremamente exigente. Não basta um simples desejo febril de tudo mudar por mudar. Mudança não é simplesmente sinal de felicidade. Mudar, pois, pode provir de instabilidade fundamental, de imaturidade, de incapacidade de perseverar, de se renovar a si mesmo interiormente... É preciso discernimento. É aqui o critério último para distinguir a tradição autêntica das tradições humanas, os valores genuínos de excrescência ou nuances históricas; é o Espírito Santo que, com sua luz, nos introduz progressivamente na plenitude da verdade e que, com seu amor, nos conserva unidos neste esforço de renovação.

A Igreja se constrói na história e através da história das civilizações. Ela, porém, por sua origem divina, por seu caráter sobrenatural, não coincide com nenhuma civilização. Deve encarnar-se nas diversas civilizações ajudando-as a se superarem a si mesmas num movimento evolutivo de progresso (cf. *Gaudium et Spes*, 58; e a Enc. *Ecclesiam Suam*, 28, 44, 52 e 90). É pelo fato de se encarnar, a Igreja (e o mesmo vale também da vida

religiosa), até certo ponto, está condicionada às civilizações, tanto positivamente herdando os seus valores (cf. *Gaudium et Spes*, 43,6), como negativamente pagando tributo às imperfeições dos homens (cf. *ibid.*) e sendo também tributária do grau de manutenção da cultura de cada época e povo (cf. *ibid.*, 58,1.2).

Dentro do movimento da história, deve a Igreja, a vida religiosa, viver a sua pureza no seu esforço dinamizador de fermento para o mundo. Surge, então, o risco do sincretismo e da mundanização. Tão grande é este risco que a Igreja se vê forçada a tecer a sua história por um encadeamento de renovações e reformas... É que em seu contato com as civilizações, a Igreja, a vida religiosa, pode facilmente contaminar-se de certos elementos negativos ou caducos de cultura, espírito do povo, quadros da vida social, sistema econômico, meios educacionais, ideologias etc.

A reforma autêntica é um julgamento feito sobre certo estado de coisas, de modo que a Igreja, a vida religiosa, se reintegra no princípio: Jesus Cristo, o Evangelho, o carisma, não só quanto às idéias ou representações mas sobretudo na vida cristã e religiosa, e isto dentro do eventual novo contexto sócio-cultural.

Quando, portanto, há certos sincretismos, uniões impuras, é preciso fazer a reforma. Atualmente, através dos acontecimentos na Igreja e no mundo, Deus está à nossa procura para que façamos a reforma, a renovação. Mas não basta fazê-la simplesmente: quando feita só por fênis teológicos e não por santos, não mais obedecerá ao velho programa de reforma interior, espiritual, moral.

CONSEQUÊNCIA: Assim como a Igreja, a vida religiosa vive de uma dupla exigência: a da encarnação perpétua e a do desprendimento contínuo. Caso se apegasse de tal modo a determinada forma de cultura ou de costumes a ponto de não querer viver a exigência do despojamento, ela negaria como que a sua própria natureza e função. E isto constituiria um empobrecimento, um atraso na marcha da evolução na perspectiva do reino de Deus neste mundo. Acaso não foi este, de modo análogo, o grande pecado do judaísmo? Não quis morrer para ressuscitar!

Encrustada numa civilização determinada através dos séculos, a Igreja, a vida religiosa, deve reconhecer a caducidade de toda forma de cristandade e, morrendo para o velho homem, deve ela desfazer-se do velho vestido encarnando-se nas novas civilizações, assumindo os novos valores que vão surgindo.

Em nosso caso, quando uma congregação religiosa, uma província, uma comunidade, uma pessoa consagrada a Deus, pretende ser fiel à sua história e tradições de tal forma que deixe de ser suscetível perante os "sinais dos tempos" (cf. *Mt* 16,3) continuando a levar a existência fechada dentro da vida em evolução e progresso da Igreja e do mundo, então ela passa a ser infiel ao carisma, do qual surgiu, e não desempenha mais a devida função vital na Igreja. Desta maneira não tem mais direito a novas vocações!

Fator da crise : a encarnação da vida religiosa

Quanto às formas concretas, históricas, culturais, da vida e da ação da Igreja e da vida religiosa, estas freqüentemente se encontram ultrapassadas pelas exigências transcendentais feitas à missão da Igreja e à função de exemplaridade da vida religiosa (cf. *Lumen Gentium*, 13,3; 39; 44,2,3; 46,1). Razão por que a exigência de uma contínua renovação está inscrita no coração da vida religiosa. O decisivo não se restringe ao passado, mas consiste, sobretudo, na fidelidade ao Espírito Santo como força motriz da vida religiosa.

O que o Concílio afirma da Igreja vale igualmente da estrutura e da vivência concreta da vida religiosa : "A Igreja peregrinante nos seus sacramentos e instituições, pertencentes ao tempo presente, tem a figura passageira deste século" (*Lumen Gentium*, 48,3).

A vida religiosa, como ainda atualmente existe, estruturou-se dentro de um contexto eclesial bem diferente daquele que está surgindo pela renovação conciliar e a partir de um condicionamento sócio-cultural também bastante diferente daquele que agora existe neste nosso mundo da técnica.

Parece-nos muito oportuno analisar a visão da Igreja pré-conciliar e a situação do mundo de ontem, circunstâncias que determinaram a estruturação da vida religiosa que hoje não mais nos satisfaz. A seguir, apontaremos as diferenças que distinguem a visão atual da Igreja e o condicionamento atual do mundo daquela visão e condicionamento de ontem. Isto nos explicará em grande parte a raiz da crise e indicará, ao mesmo tempo, algumas pistas para a renovação ou a encarnação da vida religiosa na Igreja e no mundo de hoje.

VISÃO PRÉ-CONCILIAR DA IGREJA

É bom lembrar que, no Concílio, a Igreja fez um esforço muito grande para reajustar-se nos seus elementos internos e no seu condicionamento para fora : Igrejas cristãs não católicas, religiões não cristãs, o mundo. E esse esforço, ela o fez numa perspectiva de revisão, redimensionamento, reforma, *aggiornamento*, purificação, renovação. Aliás, essa revisão foi feita mediante duplo confronto : com Cristo, a que a Igreja deve ser fiel e relacionar-se; com o mundo, a que ela deve servir, salvar.

A visão, tradicional, que os nossos catecismos e livros de teologia nos tinham dado da Igreja era como que de natureza piramidal. No cume da pirâmide encontrava-se o Papa, como representante de Cristo e portador de todos os poderes : nomeava os bispos e lhes dava em nome de Cristo a sua própria missão. Daí resultava uma visão a-tomística do episcopado : cada bispo era plenamente independente e isolado dos outros; no poder só estava ligado ao Papa (de quem parecia um funcionário), que governava a Igreja com a ajuda da Cúria Romana, que parecia estar acima dos bispos. Os bispos eram assistidos pelos sacerdotes que formavam a terceira divisão da pirâmide. Enfim, a base da mesma era constituída pelos leigos.

No correr da história esta visão passou a revestir-se de caráter clerical: a linha divisória entre clero e leigos foi demasiadamente acentuada, como se se tratasse exclusivamente de membros ativos e passivos — isto na santificação e no culto. A Igreja era mais vista como uma sociedade, uma Igreja de clero, que monopolizava os meios de santificação.

Como se pode facilmente compreender, nesta visão tradicional predominava o aspecto externo, visível, jurídico da Igreja. Acentuava-se unilateralmente a Igreja como sociedade visível de estrutura papal, baseada na autoridade. A eclesiologia era mais uma *jerarquiologia*.

CONSEQUÊNCIAS: Aspecto ou atitude autoritária, com uma pastoral de imposição e execução. Centralização do poder. Mentalidade triunfalista, preocupação apologética, posição conservadora. Conseqüentemente: ausência do esforço de renovação, do movimento ecumênico, da atitude de diálogo. Pouco esforço evangelizador. Fuga do mundo (na medida em que este se ia desligando da situação de cristandade) e mesmo combate a ele, falta de sintonia e de abertura aos grandes problemas do mundo. Passividade e indiferença dos leigos.

Situação do mundo de ontem

A situação sócio-cultural deste mundo pode ser qualificada como um mundo pré-científico, pré-técnico, pré-industrial, pré-urbano, pré-democrático. Nesse mundo a estruturação da sociedade apresentava as seguintes características:

- *unitária*: posse tranqüila de visão, sistema, mentalidade, religião, ideologia etc. comuns;
- *jerárquica*: o mando era autoritário, porque estava na mão de um pequeno grupo de elite hereditária (pelo mesmo motivo a obediência era cega, passiva);
- *controlada*: a segurança social se baseava numa preocupação de vigilância (o importante era fazer conhecer e observar ordens, respeitar tradições e valores herdados do passado — que era norma segura e indiscutível para o presente);
- *institucional*: a segurança estava nas instituições, que eram usadas para transmitir e impor os valores e as ordens da autoridade, havendo certa despreocupação pela interiorização e autenticidade ou engajamento pessoal.

Neste contexto não se sentia necessidade nem de uma contínua reflexão ou revisão, porque tudo corria bem (assim se pensava) e confiava-se totalmente nos métodos e sistemas tradicionais, nem de uma especialização multiforme, porque a vida não era tão complexa como hoje e bastava uma formação razoável e homogênea para todos.

A encarnação da Igreja e da vida religiosa

Os valores evangélicos na Igreja e na vida religiosa são vividos, necessariamente, dentro de uma estrutura que se expressa em atitudes, vestidos, cerimônias, gestos, comportamentos, fórmulas, atividades diversas, valores coletivos etc., conforme o teor da civilização ou situação sócio-cultural da época. O homem, pois, também o homem religioso, sendo consubstancialmente matéria e espírito, está no mundo, e a sua existência assume assim aspecto histórico.

Bem, a Igreja conseguiu inserir-se nesse mundo de ontem a ponto de ter criado uma situação chamada de cristandade. Esta situação do mundo de ontem, acima descrita, explica em grande parte aquela visão pré-conciliar da Igreja.

E quanto à vida religiosa? Criou-se entre ela e a sociedade civil uma grande intercomunicação. A estrutura social da sociedade civil fornecia os elementos de que a vida religiosa se servia para traçar as linhas da sua vida monástica. E, vice-versa, a sociedade religiosa influenciou largamente a sociedade civil. Exemplificando: tínhamos entre a abadia e a vida feudal uma estrutura quase que idêntica: abade — religioso corista — religioso converso; e senhor feudal — vassalo — servo da gleba. Entre a abadia e o feudo havia como que o mesmo ritmo de vida rural e o mesmo ritmo de trabalho manual como também a mesma sociedade econômica e política (autarquia), com atitudes e costumes bastante semelhantes. E as duas sociedades se caracterizavam pela mesma relação básica: pai — filho, onde o governo era paternalista tendo a preocupação de guardar as tradições. É que a vida era guiada pela experiência, e não pela ciência.

Desta maneira se compreende que nessa sociedade tradicional a vida no mundo transparecia claramente, na estrutura social da vida religiosa, que assim era um sinal manifesto... A obediência religiosa, por exemplo, manifestava que toda relação de dependência era um obedecer a Deus e que o exercício da autoridade devia ser paternal e não tirânico. A pobreza religiosa, fundada sobre o trabalho, mostrava que na vida econômica, nessa sociedade de penúria, todos deviam submeter-se a Deus, e que a autoridade econômica devia dispensar o mínimo necessário a todos administrando as riquezas em vista do bem comum. Enfim, a castidade religiosa mostrava que a solidariedade, baseada nos laços de sangue, devia espiritualizar-se, dirigindo-se a todos.

VISÃO PÓS-CONCILIAR DA IGREJA

Nos dias de hoje, neste clima de alta sensibilidade comunitária e ecumênica, nesta atmosfera de co-responsabilidade de todos e do engajamento dos leigos, era urgentemente necessário redimensionar o conceito da Igreja. De fato, a visão conciliar da Igreja se apresenta cheia de luz, calor, vida e equilíbrio. Trata-se simultaneamente de um retorno feliz e de um

aprofundamento da antiga concepção : não nega nem menospreza o aspecto externo, visível, jurídico, institucional da Igreja, mas o integra, o vivifica e o eleva ao plano próprio do mistério de Cristo, de quem a Igreja é o prolongamento e atuação na história.

E agora, graças a esta visão tradicional revalorizada, reajustada e aprofundada, a Igreja poderá continuar a sua marcha pela história com maior segurança pelos caminhos novos, em direção assinalada por Deus à sua Igreja, única arca de salvação para toda a humanidade.

A nova visão é de caráter prevalentemente horizontal, isto é, a Igreja é apresentada mais como a Igreja do Povo de Deus do que como a Igreja do clero. Mais do que instituição ou sociedade, ela é comunidade, que repousa sobre um poder episcopal exercido colegialmente.

A característica desta visão é que se acentua a igualdade fundamental de todos : quanto à sua dignidade cristã, quanto aos meios de santificação, quanto à vocação ou missão comum, quanto à participação comum na missão da Igreja. E, sem negar o elemento visível, jerárquico e jurídico, dá-se o devido valor ao elemento invisível, espiritual, interior : a presença da graça divina e a atuação do Espírito Santo.

CONSEQÜÊNCIAS : Atitude de serviço, com uma pastoral de convicção e de engajamento. Descentralização do poder. Mentalidade humilde, esforço de diálogo e espírito ecumênico. Esfôrço de renovação. Solicitude evangelizadora. Inserção no mundo, abertura aos problemas humanos, à história, às culturas. Revalorização do leigo e co-responsabilidade de todos.

Situação do mundo de hoje

O novo contexto histórico e cultural apresenta outras características. É uma situação em que domina a ciência e a técnica, a industrialização e urbanização, com múltiplas conseqüências que forçam como que o homem a passar a uma fase histórica de maior maturidade (cf. *Gaudium et Spes* 4,3). E a estruturação da sociedade apresenta agora estas linhas :

- *pluralista* : em todos os setores (político, cultural, religioso e cristão) não há mais uniformidade de crença, ideologia, mentalidade, visões etc. ;
- *democrática* : a elite se cria, se forma, e o mando é co-participação pelos súditos, havendo também co-responsabilidade e socialização ;
- *liberal* : há maior abertura no relacionamento social, maior possibilidade de escolha e de realização humana e social ;
- *testemunhal* : o valor cai sobretudo na responsabilidade pessoal e comunitária ; o importante é formar para a vida e aprecia-se muito a força do testemunho, havendo amor pela espontaneidade, simplicidade e autenticidade.

Neste novo contexto a vida se torna muito mais complexa, as necessidades são imensas e por todos sentidas como tais, graças à técnica, à

intercomunicação, à solidariedade, ao senso histórico, à atitude crítica etc. (cf. *Gaudium et Spes*).

A encarnação da Igreja e da vida religiosa

A Igreja, como sinal de Cristo para o mundo, e a vida religiosa, como sinal da Igreja para os homens modernos, devem encarnar-se nas novas condições históricas, nos novos valores culturais, no novo comportamento humano (em todos os setores da vida: cf. *Gaudium et Spes*, 4,2; 7,3; 45,1, etc) e na nova fisionomia do homem, na nova estruturação da sociedade. "Modificaram-se profundamente as condições de vida do homem moderno, do ponto de vista social e cultural, de tal modo que é lícito falar de uma idade nova da história humana" (*Gaudium et Spes*, 54; cf. 4,2).

A mentalidade que forjou a estrutura da nossa vida religiosa nasceu num contexto histórico e cultural que já não existe. No mundo tudo está mudando, a Igreja também entrou numa fase de modificações bastante profundas e rápidas. Tudo isto deve refletir-se necessariamente na vida religiosa que se desenvolve na Igreja e no mundo de hoje.

Entramos em crise... E não podia ser diferente! É que o homem e o Cristo de hoje não se podem sentir bem na estrutura antiga da nossa vida religiosa. Mais: após uma transformação radical da sociedade, os valores da vida religiosa, apresentados na sua estrutura tradicional, se tornaram como que contravalôres para a sociedade moderna.

Seja-nos permitido jogar com alguns contrastes, salientando aspectos negativos (os positivos, sem dúvida, também existem) da nossa vida religiosa. Fazemos isto para que possamos sentir mais vivamente a necessidade urgente da renovação, que é um apêlo de Deus, exigência do Concílio.

Crítica à vida religiosa

1. Obediência

Característica: infantilismo, automatismo. Razão: sistema feudal de prepotência paternalista, ausência de diálogo, submissão infantil, irresponsável, despreocupação de procura coletiva da vontade de Deus, e só se exige o *engajamento* do portador da autoridade.

A obediência religiosa, nas estruturas antigas, torna-se incompreensível, e mesmo injustificável, na sociedade democrática: aparece como grave alienação da liberdade da pessoa, recusa às responsabilidades de homem maduro que deve ocupar seu lugar e assumir as suas tarefas na vida social.

2. Pobreza

Característica: e espiritualização farisaica, inautenticidade. Razão: o voto se limita ao simples uso dependente" (não ao uso pobre e limitado) das coisas. E falta perspectiva verdadeiramente humana, evangélica, social e eclesial.

Na estrutura antiga a obediência religiosa aparece hoje como um privilégio aparentando os religiosos aos ricos ociosos com tôdas as suas servidões. Aos olhos do homem moderno, o religioso não trabalha, mas "ocupa-se".

3. *Castidade religiosa*

Característica : dualismo, frustração. Razão : vivência jansenística, acentuação do aspecto negativo da renúncia, formação assexuada, ausência do esforço ascensional da consagração.

Conservada ainda na sua estrutura antiga, a castidade religiosa perdeu o seu valor de espiritualização de uma solidariedade fundada sôbre os laços de sangue. Face ao amor interpessoal do matrimônio moderno, aparece como uma desumanização, como a esterilização do poder de amar.

4. *Vida espiritual*

Característica : legalismo, exteriorismo. Razão : ascética da boa intenção, da fidelidade externa às normas, insuficiente distinção entre o essencial e o accidental, atitude negativa de medo, de defesa, dicotomia entre a oração e o apostolado.

Tal vida espiritual diz pouco ou repousa mesmo ao homem moderno que ama a espontaneidade, a autenticidade, a vivência pessoal e que pretende fazer de tôda a realidade de sua vida a matéria da sua vida teologal.

5. *Vida comum*

Característica : superficialidade. Razão : acentuação unilateral do "estar-juntos", de participar coletivamente da habitação, comida, oração, recreação. Falta de intercomunicação pessoal, de abertura, de calor humano, de espírito de equipe, além das desigualdades por certos privilégios.

Uma vida comum dêste gênero, pouco profunda e muito de fachada, é mesmo insuportável à juventude de hoje, que prefere o espírito de iniciativa à tradição, o diálogo democrático à autoridade, a responsabilidade pessoal à submissão passiva.

ALGUMAS PISTAS

A humanidade atual vive de uma profunda aspiração evangélica neste seu esforço pela conquista da Verdade, da Justiça, da Liberdade, da Autonomia digna, da Fraternidade, da Unidade. O homem é como que impelido à sua libertação pela realização autêntica dêstes valôres. Na procura dêstes valôres o homem revela seu desejo pela salvação, mas desconhece que tal libertação já reside em nosso meio.

Ao buscar êstes valôres, os homens estão caminhando para a realização do desígnio de Deus sôbre o mundo. Ora, êste desígnio Deus o realiza na

Igreja e por meio dela no mundo. Assim a missão da Igreja tem por objeto a vocação do mundo : a humanidade reunida em torno da verdade, da justiça e do amor na "unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (ler *Ad Gentes*, 8).

A Igreja, portanto, não é um mundo à parte, no sentido de que suas fronteiras a separam daquele outro mundo que não é cristão. Os problemas do mundo são os da Igreja. Com razão o Concílio afirma : "A obra redentora de Cristo, que consiste essencialmente na salvação dos homens, inclui também a instauração da ordem temporal. Portanto, a missão da Igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las" (*Apost. Act.*, 5). E visto que os problemas do mundo são os da Igreja, o Concílio procura dar orientação para a solução dos grandes problemas humanos : no plano da pessoa humana, no plano da vocação humana, no nível da família, da cultura, da vida sócio-econômica, da vida política e da comunidade internacional (cf. *Gaudium et Spes*). O próprio Concílio lembra o princípio fundamental : "Como Cristo, por sua encarnação, se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em tôdas essas sociedades, para que a tôdas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus" (*Ad Gentes*, 10).

CONSEQÜÊNCIAS : A vida religiosa tem uma "missão peculiar e uma importância imutável na Igreja" (Paulo VI). Ela se impõe à Igreja como parte integrante da sua santidade, e é um dos bens messiânicos que fazem da Igreja um sinal de Cristo e da sua graça vitoriosa perante o mundo. Dêste modo a vida religiosa é um elemento de penetração missionária da Igreja no mundo que ainda não crê e que anda à procura, como que tateando, dos valores evangélicos. A vida religiosa é um valor social, uma função comunitária, pela qual se testemunha ao mundo a salvação de Cristo e a íntima natureza da Igreja enquanto comunidade de amor. Mais do que nunca, o mundo hoje precisa dêste testemunho público e social que a vida religiosa dá a Cristo, revelando valores evangélicos e eclesiais que, sem ela, dificilmente seriam perceptíveis.

Como responder a êste solene apêlo do Concílio : "Solícitamente cuidem os religiosos que através dêles a Igreja possa, de fato, manifestar sempre melhor tanto aos fiéis como aos infiéis a figura de Cristo" ? (*Lumen Gentium*, 46,1).

Deveres fundamentais

Conhecer os "sinais dos tempos" (*Pacem in Terris*, 39-45; 75-79; 126-129; e *Gaudium et Spes*, 4-10, 17, 23, 43, 54, 57, 73, 81) : "É necessário conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática... (*Gaudium et Spes*, 4).

Não basta sintonia intelectual e afetiva... Requer-se, sobretudo, uma presença atuante no mundo, na Igreja: "Os conselhos evangélicos, pela caridade a que levam, associam os seus seguidores de modo especial à Igreja e ao seu ministério" (*Lum. Gent.*, 44,2). "Ninguém julgue que os religiosos pela sua consagração se tornem alheios aos demais homens ou inúteis na cidade terrena" (*ibid.*, 46,2).

O que se exige, sobretudo, é que os religiosos vivam do amor e para o amor. Só pelo amor podem servir à Igreja e dialogar com o mundo, atuando nele como fermento na massa, encaminhando-o para a realização do desígnio de Deus (cf. *Lum. Gent.* 46-2): "A energia que a Igreja pode insuflar à sociedade humana atual consiste naquela fé e caridade, levadas à prática na vida, e não no exercício de algum domínio externo, através de meios meramente humanos" (*Gaudium et Spes*, 42-4).

Por sua vez, conhecimento, sintonia, compreensão e serviço humilde exigem: vivência generosa dos valores fundamentais da vida religiosa (procurar a Deus pelo seguimento de Cristo, na Igreja, em benefício do mundo). Isto significa que os valores fundamentais não podem ser colocados em jogo. Além do mais, o Espírito Santo não faz novas revelações, mas nos introduz sempre mais profundamente no que Cristo nos legou. Assim não se pode pôr em dúvida o valor da oração, a necessidade da mortificação, a utilidade do silêncio, o dever da obediência, a exigência do engajamento apostólico.

No entanto, a vivência concreta de todos estes valores, como vimos, é tributária das imperfeições humanas e das contingências da cultura ou da mentalidade de uma época ou lugar determinado. A questão, portanto, é saber se ainda valem as velhas fórmulas, as tradicionais proporções, as acentuações de ontem. Ou seja: pode-se colocar vinho novo em odres velhos?

Clima de renovação

O mundo precisa de nós, o Concílio nos urge; Deus nos faz seus apelos através dos acontecimentos. É preciso que nos sintonizemos com a expectativa da Igreja e com as exigências do mundo atual. É preciso que façamos um exame de consciência, que entremos em estado de autocritica mostrando, a exemplo da Igreja, que também a nossa congregação ou ordem, a nossa província, a nossa comunidade, tem a coragem e a lealdade de "despojar-se de toda e qualquer manifestação caduca e defeituosa, a fim de tornar-se mais genuína e mais profunda" (Paulo VI, no discurso de abertura da segunda sessão do Concílio).

Mais do que nunca, se faz mister um esforço coletivo para discernir entre o que aceitamos em virtude da fé, do ideal religioso, e o que herdamos de um condicionamento histórico, de uma cultura que já passou. Fomos chamados para dar à Igreja e ao mundo de hoje um testemunho de *serviçalidade* no amor.

Como instituto religioso, temos uma missão carismática: estarmos prontos para não paralizar o sopro do Espírito Santo, do qual somos como

que a institucionalização. A torrente de água viva não pode estagnar-se e muito menos tornar-se tórva, mas deve permanecer fresca e transparente. Tudo isto requer um esforço contínuo de reflexão sobre a natureza e o fim da própria congregação, fazendo um confronto com a sua inspiração primitiva (Evangelho, carisma, origem) e o serviço que atualmente presta à Igreja e ao mundo, dentro do contexto atual.

Insistimos : o Espírito Santo não pode ser dominado, mas nós devemos deixar-nos dominar por ele. Seu carisma não é algo de fechado, de estático. Não houve no curso da história várias reformas na Igreja e nas ordens religiosas ? Os que são beneficiados por este carisma devem estar atentos e se esforçar por ser na Igreja fermento vivo e contínuo da renovação espiritual para o mundo. O Espírito não está ligado a uma medida determinada (Jo 3,34). Suas forças se concretizam por variadas formas da vida religiosa, as quais devem esforçar-se por não se escravizar a sistemas rigidamente fixos e fechados, mas permitir a seus membros permaneçam livres para Cristo e móveis na Igreja.

Deus nos urge, nos interpela; e o mundo nos desafia ! Cada tempo traz colheita de tempo novo. O tempo é o instrumento, pelo qual o Espírito Santo nos instrui e nos faz conscientes da variedade de aspectos da verdade e da santidade de Cristo, das exigências do amor, dos imperativos da nossa vocação religiosa, a serviço do mundo. Pelo *agora* deste nosso tempo chega até nós o apelo do Espírito Santo, que como que nos desafia e nos urge a encontrar resposta adequada às necessidades deste nosso tempo, às expectativas do Povo de Deus.

Sem dúvida, o que se exige são reformas de estruturas, mas, sobretudo, "mudança de mentalidade e de modo de ser" (*Gaudium et Spes*, 63,5; cf. 26,3). No entanto, uma reforma, uma renovação fecunda, não se contenta com um simples rejeitar de velhas formas e introduzir novas fórmulas e regras. Condição preliminar é que se conheça a mentalidade religiosa do próprio tempo, a natureza da própria congregação, o ensinamento atual da Igreja, os "sinais dos tempos". Em seguida, é preciso sintonizar-se com o estilo cristão e eclesial do tempo, e as suas exigências e respectivas visões ascéticas e apostólicas.

Exemplificando...

Os valores evangélicos da vida religiosa devem ser vividos em profundidade e ser encarados nos valores modernos da sociedade atual. Assim :

... A *obediência* deve revestir-se de aspecto ativo e responsável, aberta aos valores do mundo moderno. A obediência de Cristo foi obediência ao Pai no serviço aos irmãos. Este valor permanece, mas o acento hoje em vez de cair sobre a submissão cai sobre o engajamento voluntário, a participação em conhecimento de causa à vontade do superior. Simples mudança de acentuação, mas de graves e importantes conseqüências para a estruturação renovada da vida religiosa.

... A *pobreza* se reduzia antigamente a colocar em comum os bens, que eram reduzidos, e ao uso dependente. Hoje, temos a vida econômica diferenciada em dois processos distintos de produção e de consumo;

A pobreza religiosa deve viver-se nestes dois níveis: recusa a um consumo exacerbado e insaciável, negação do culto do dinheiro. Mas deve ser também participação na lei geral do trabalho, na condição de um salário modesto, na dura disciplina da sua vida, dentro e fora do convento.

A *castidade* religiosa conserva seu valor de negação à concupiscência e ao erotismo. Mas deve ser sobretudo vivida a serviço do amor, não vivida nas relações sexuais, mas aberta sobre uma comunidade mais vasta que a família. Deve ser fermento para edificar a caridade fraterna sobre a base de uma amizade humana. Isto eliminará todo vestígio de esterilização do amor. E é precisamente este testemunho de uma caridade autêntica que anuncia mais perfeitamente o reino de Deus.

Ascética da renovação

O documento conciliar sobre a vida religiosa se intitula "Atualização dos Religiosos". Não se trata só de eventual "adaptação", que nunca é muito radical e que, para ser feita, só precisa de um pouco de bom-senso e espírito empreendedor. Não! Trata-se de uma "atualização", isto é, de revisão de toda a modalidade da nossa vida religiosa, no seu viver, orar e agir. Tal exigência só é possível realizá-la através de reflexão aprofundada sobre a própria natureza da vida religiosa, no confronto com as exigências do Evangelho e os apelos do mundo atual.

Esta atualização, com todas as mudanças bastante amplas e profundas que implica, se justifica simplesmente pela necessidade de exprimir os valores permanentes nas modalidades existenciais da nossa época.

Tal atualização é exigente, porque há de ser feita sobre os valores autênticos da vida religiosa e a partir dos mesmos; do contrário, careceria de segurança e profundidade.

Tal atualização é dolorosa, porque requer grande maturidade para interiorizar, aprofundar e intensificar os valores perenes na sua encarnação em novas situações. Os apelos do Espírito são desconcertantes para mentalidades instaladas e insuportáveis para espíritos levianos.

Tal atualização se faz extremamente urgente. A vida religiosa na sua estrutura atual corre vários riscos muito sérios. Os candidatos sensíveis ao absoluto dos valores evangélicos sentem repulsa pela vida religiosa por causa da imagem que dela apresenta a estrutura tradicional; risco de atrair aqueles que não se sentem bem no mundo por este exigir de todos os seus membros as qualidades de homem adulto; e os religiosos, ao perceber que já não são sinal, começam a sentir-se insatisfeitos.

Se a vida religiosa não se atualizar tão rapidamente quanto se desenvolve a abertura dos religiosos e dos jovens de hoje aos valores do mundo moderno, a crise estará ameaçada de assumir proporções imprevisíveis. A história se repete! Deus faz ressoar, com nitidez e urgência, aos nossos

ouvidos, aquelas palavras que atravessam e acompanham tôda a revelação: "Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrar". "Caminha na minha presença"...

O que Deus quer é salvar o mundo, os homens de hoje. Por isso Êle quer que o mundo, através do nosso serviço e testemunho, se construa a partir do domínio de Deus, na perspectiva e nas dimensões dêle. Deus quer configurar os nossos destinos. Ora, o mundo, a Igreja, os religiosos todos, somos continuamente tentados a querer construir a nossa vida a partir de nós, que desejamos descansar em nós mesmos, dentro das nossas próprias perspectivas, segundo os nossos critérios e dimensões. Razão por que Deus suscita continuamente desassossêgo no mundo, na Igreja, nas congregações, nas comunidades, em nós, que desejamos descansar em nós mesmos, nas nossas posições conquistadas. Nossa vida se reveste assim de um aspecto profundamente de peregrinos, para quem não há lugar para instalações, paradas... "até que alcancemos todos..., quais varões perfeitos, a medida da plenitude de Cristo" (Ef 4,13).

É preciso converter-nos sempre de nôvo, e quando convertidos é preciso caminhar progredindo sempre mais! Valha-nos, nesta hora difícil, bonita e decisiva: fé em Deus, como Senhor da história — docilidade ao Espírito Santo — fidelidade ao essencial — paciência e confiança na incerteza — sensibilidade às exigências do tempo — amor à cruz — primazia do Amor. E assim: *esfôrço contínuo de renovação*, na comunhão fraterna!

Para todos deve existir uma só preocupação, um só esfôrço, um só polo de convergência: estar unidos ao Senhor, e ser com Êle um só espírito (I Cor 6,17), a fim de fazer crescer todos juntos para Cristo, em louvor da glória de sua graça (Ef 1,6).

"A ALEGRIA E A PAZ DE CRISTO ESTARÃO NOS DISCÍPULOS E SERÃO COMPLETAS NÊLES NA MEDIDA EM QUE ÊLES SE DEIXAREM GUIAR PELO ESPÍRITO DE AMOR, DANDO TESTEMUNHO, DIGNO DE CRÉDITO, DA UNIÃO DE AMOR COM O PAI E O FILHO POR MEIO DA CARIDADE FRATERNA"!

"Se hoje ouvirdes a voz de Deus, não queirais endurecer os vossos corações"!

Taguatinga (Brasília) — Solicita-se a congregação feminina cessão de três (ou mais) irmãs, professôras formadas, para tomar conta da ESCOLA PAROQUIAL, aos cuidados dos Padres Cordimarianos. Além de casa pronta para morar, oferece-se a cada irmã Cr\$ 500 000 por mês.

Correspondência:

Depto. Ação Social da CNBB-CRB
Rua Espírito Santo, 1059 — S/1008
BELO HORIZONTE — Minas Gerais

Note e Anote

SEÇÃO FEMININA NO INSTITUTO PONTIFÍCIO DE MÚSICA SACRA

O Instituto Pontifício de Música Sacra, em Roma, abriu uma seção que será especialmente reservada às religiosas. Os programas são os mesmos que os da seção masculina, com os mesmos graus acadêmicos. Sob a direção da Sagrada Congregação dos Religiosos, a União Internacional das Superiores Gerais promoverá o desenvolvimento e o bom funcionamento do Instituto.

As alunas se dividem em duas categorias: *ordinárias* e *extraordinárias*. Ordinárias são aquelas alunas que aspiram aos graus acadêmicos (superiores). São obrigadas a freqüentar todos os cursos prescritos e a prestar, no fim do ano, todos os exames requeridos. Alunas extraordinárias são aquelas que não desejam colar grau acadêmico. É-lhes facultada a freqüência a certas ou a tôdas as matérias ensinadas. Aquelas que tiverem freqüentado com regularidade ao menos dois terços dos cursos poderão, com especial autorização, se assim o desejarem, ser admitidas aos exames.

Para as alunas de nacionalidade italiana, os *diplomas* de canto coral são equivalentes, mediante uma taxa, aos do Estado. Para as candidatas de outras nacionalidades, são válidos pela Sagrada Congregação dos Estudos e Secretaria de Estado, bem como por suas respectivas embaixadas.

Na hora em que a importância de uma formação litúrgica e musical se mostra tão necessária no apostolado, e especialmente nos países de missão, é de crer que as superiores gerais se mostrarão bem interessadas pela abertura desta seção de estudos superiores de música sacra. Para mais informações, pedir o programa ao próprio Instituto: Piazza S. Agostino, 20, Roma.

CENTRO DE ESTUDOS FRANCISCANOS E PASTORAIS PARA A AMÉRICA LATINA

Atendendo à voz do Papa e do Concílio, e a exemplo de outras ordens, iniciou a ordem franciscana toda um trabalho de reflexão sobre si mesma, sua vocação e missão na Igreja e no mundo de hoje. Mais notadamente impõe-se essa reflexão quando se considera, de um lado, a situação concreta e diferente que dentre o mundo todo oferecem os países da América Latina; do outro, a imensa família franciscana, desde a primeira (franciscanos, capuchinhos e conventuais) à segunda e à terceira ordens, com seus muitos milhares de membros, que neste continente dedicam sua vida apostólica.

Neste continente, onde a Igreja se encontra numa "situação de acentuada emergência", trabalho sério, científico e tenaz impende pois sobre os franciscanos também. E é com base nesse trabalho que eles querem corresponder ao apêlo da Igreja e estão estudando uma reorientação de sua vida e atuação, quer dentro da própria ordem, quer na irradiação de seu espírito no país e continente onde se encontram.

Com êste fim, e assumindo a idéia do Revmo. Frei Montano Versteeg, O.F.M., se propôs a criação de um centro de documentação, de pesquisas, de reflexão, de publicações, de contatos, de encontros de peritos para a América Latina, tendo por nome *Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina* (CEFEPAL), criado oficialmente no Brasil aos 24 de março do ano passado. Êste, por sua vez, terá secretariados nacionais em todos os países latino-americanos e um secretariado continental. Além do do Brasil, foram já fundados os secretariados de Colômbia, Chile, Peru, estando em vias de formação o de Nicarágua.

No Brasil há a registrar ainda o primeiro Congresso dos Franciscanos realizado em Belo Horizonte, de 9 a 16 de novembro último — que nesta nação se esforçam verdadeiramente por dar sempre seu testemunho de fraternidade, de simplicidade e humildade, de pobreza, como sinal de vida evangélica. Estuda-se também já a possibilidade de, talvez para breve, se promover um Encontro Nacional das Congregações Franciscanas Femininas. À frente do Secretariado Nacional encontra-se o Revmo. Frei Guido Vlasman, O.F.M., à Caixa Postal 174, Belo Horizonte.

1 500 ASPIRANTES AO DIACONATO

Continuam em ritmo acentuado, em Pôrto Rico, os preparativos para os cursos especializados de formação para diáconos. No centro expressamente instituído para tanto com a ajuda do Cardeal Richard Cushing, Arcebispo de Boston, chegaram já pedidos de inscrição de 1 500 candidatos procedentes de diversos países da América Latina. Depois de terem frequentado o Instituto por dois anos, os aspirantes ao diaconato serão enviados às regiões do continente latino-americano onde é maior a escassez do clero.

UM MILHÃO DE EXEMPLARES DO NÔVO TESTAMENTO PARA A AMÉRICA LATINA

Ultimando as gestões realizadas entre o falecido Dom Manuel Larrain e Dom Felipe Santiago Benítez e o Reverendo Roger Schutz, Prior de Taizé, sairá brevemente a público o texto completo do Nôvo Testamento que levará o nome de Ecumênico, porquanto é um trabalho comum realizado por escrituristas católicos e protestantes. A tiragem inicial será de um milhão de exemplares.

CRB Informa

CRB-Nacional — No dia 23 de dezembro passado, com a santa missa celebrada pelo Senhor Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, na presença da Diretoria e de grande número de autoridades eclesiásticas e civis, foi solenemente inaugurada a nova sede nacional da CRB. Mais ampla e funcional. Mais adequada à expansão de suas atividades, ela continua a ser o ponto de convergência de todos os religiosos, aos quais servimos e para onde eles se dirigem como para a sua própria casa.

Fica bem ao lado da antiga sede: Av. Rio Branco, 123, 10.º andar. Por enquanto, com os seguintes telefones: 32-3754, 32-5699, 32-3237, 42-6726 e 52-4456. O antigo telefone 31-1985 (com PBX, na antiga sede) continua.

Com esta mudança de sede, estaremos obrigados a rever a localização de nossos Departamentos. A correspondência deverá ser enviada, toda, a este novo endereço:

*Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
RIO DE JANEIRO (ZC-21) — GB*

Continua o endereço telegráfico: CONFERÊNCIA RIO.

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL

No passado mês, finalmente, saiu a público o *ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL, 1965*, cuja subscrição há mais de um ano vinha sendo feita. Os exemplares pedidos e pagos anteriormente estão já sendo despachados sem acréscimo de qualquer despesa.

Chama-se a atenção dos Revmos. Padres, religiosos e religiosas, e demais interessados, para o que na circular expedida pela CRB em 20 de setembro último foi notificado quanto ao número de páginas acrescentado e conseqüente elevação de custo. Preço de venda foi fixado em Cr\$ 40 000 por unidade. Para os associados (clero e religiosos) e livreiros concede-se o desconto de 30%, cobrando-se-lhes portanto o preço líquido de Cr\$ 28 000, fora as despesas de porte e selagem a adicionar quando fôr o caso.

Pedidos e informações sejam dirigidos à CRB-Nacional, Av. Rio Branco, 123, 10.º andar, Rio de Janeiro (ZC-21) — GB.

Recensões Bibliográficas

D. M. CHENU — *Trabalho e Profissão num mundo em mutação* (Reflexões de um teólogo), Ed. Vozes, Petrópolis, 1966, 1 op. br., 185x130 mm, 96 pp.

RICHARD SCHAULL — *As transformações profundas à luz de uma Teologia Evangélica*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1966, 1 op. br., 185x130 mm, 96 pp.

Num sério e consciencioso esforço de *aggiornamento*, a fim de corresponder cada vez melhor a um ideal de editoria moderna de inspiração católica em nossos dias, a Vozes acaba de criar, entre várias outras, uma coleção que intitulou **QUESTÕES ABERTAS**. Como o próprio nome sugere, o desejo dos que orientam essa coleção é lançar livros que põem em circulação idéias para discussão. Mas (explicam eles) não com um escopo de pura polémica, nem apenas para causar impacto, menos ainda para criar dúvidas, estereis quando não destrutivas. A intenção da coleção é fornecer material para o debate. Agitar, com uma fundamentação sólida, idéias que de qualquer maneira são agitadas. Trazer uma possível resposta cristã a questões que movem hoje em dia os espíritos.

Para abrir a coleção, dois pequenos volumes de dois homens diferentes sob muitos aspectos, convergentes pelo fato de serem dois teólogos perspicazes e atentos às grandes indagações que o mundo de hoje traz, quase como um desafio, à teologia. CHENU, velho mestre dominicano francês, guia de muitos discípulos, por muitos anos marginalizado por uma série de equívocos e de suspeitas, mas trazido por João XXIII para uma fecunda colaboração

no Vaticano II (a ele é atribuída a bela mensagem ao mundo que, desde o encerramento da primeira sessão, pressagiava a *Gaudium et Spes*). SCHAULL, jovem professor de teologia, americano, presbiteriano, grande conhecedor do Brasil, onde passa a metade de cada ano. Os dois inauguram a coleção com uma reflexão densa sobre dois problemas humanos.

O estudo de Chenu gira em torno de uma realidade básica em nossa civilização: o trabalho. Esta é sem dúvida uma civilização que substituiu o binômio ócio-prazer por este outro trabalho-lazer. E esta presença do trabalho na civilização se traduz, de diferentes maneiras, nas mais inesperadas esferas. Pois é certo que o trabalho exige hoje ser olhado, bem mais do que sob a simples ótica do econômico, pelo prisma do social, do político, do psicológico, do antropológico — e até do religioso (teológico, bíblico, etc.). Mesmo uma renovação da vida religiosa não pode prescindir de uma reflexão sobre a integração da vida de trabalho numa concepção mais profunda e acabada do voto de pobreza. O Padre Chenu estava preparado para uma reflexão dessas, pois há muito que vinha estudando o problema do trabalho sob vários ângulos, inclusive sob o dos padres operários. E o que ele faz nesta brochura é justamente lançar um olhar de teólogo sobre as múltiplas dimensões que o trabalho (e trabalho humano) tem. Para uma melhor compreensão de uma face da vida religiosa como para uma catequese mais inteligente de um aspecto indiscutível da vida cristã (não quero esquecer que este opúsculo foi escrito a propósito do trabalho dos jo-

vens), a brochura n.º 1 das *Questões abertas* pode ser muito útil aos religiosos.

Quanto a Schaul, seu tema é tão complexo quanto registrar e analisar as implicações e as influências das grandes linhas do Evangelho sobre este gigantesco fenômeno que ele chama as *transformações profundas*, para evitar a ambigüidade do termo *revolução*. Três capítulos compõem a obra. Os dois primeiros, mais teóricos, procuram lançar a luz da teologia — e, entende o autor, de uma teologia dinâmica, saída viva da leitura do Evangelho — quer sobre a própria noção de revolução social, quer sobre um fenômeno que hoje encarna, em grandes regiões do mundo, essa revolução: o desenvolvimento. O terceiro capítulo é uma interpretação, sob o prisma das *transformações sociais*, da grande obra do pensador russo Nicola Berdlayev. Um tema como este comporta uma margem bastante ampla de visão pessoal. Nem todos os leitores concordarão com todas as interpretações, ilações ou conclusões de Schaul. Ninguém poderá entretanto negar a honestidade da reflexão. E, por isso mesmo, como ponto de referência para o debate das idéias, este é um trabalho de valor. Num momento em que os jovens, ao menos os que têm o privilégio de estudar, tratam facilmente destas questões, é conveniente que os educadores se familiarizem com elas. E nisto também o livro de Schaul inegavelmente orienta e ensina.

L.M.N., O.P.

JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TÔRRES
— *Instituições políticas e sociais do Brasil*, Editora FTD, São Paulo, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 194 pp.

Publicado pela Editora FTD, vem a lume o livro INSTITUIÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS DO BRASIL de autoria do Professor João Camillo de Oliveira Tôrres, da Uni-

versidade Católica de Minas Gerais, e autor, ainda, de numerosas obras de caráter político-social.

Didática por excelência, a obra segundo a explicação do autor, no início do livro, tem uma dupla finalidade: "oferecer aos estudantes da matéria um compêndio de acordo com uma análise objetiva da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, que servisse de base para uma formação da juventude segundo ideais e normas de nossa tradição democrática e cristã."

O compêndio em apreço traz, ao final de cada capítulo, proveitosa leitura complementar e, como apêndice do livro, notas de esclarecimento dos termos numerados no texto.

JOSEPH COMBLIN — *Ressurreição*, trad. do original francês por Vivaldo Ifanger, HERDER, São Paulo, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 164 pp.

"Na história da espiritualidade da Igreja, a tomada de consciência do mistério pascal figurará, sem dúvida, como o maior acontecimento do nosso tempo". Esta afirmação de Durwell, que o autor cita logo no início da introdução (p. 13), mostra-nos a oportunidade deste livro, todo centralizado em torno do dado mais importante de nossa fé: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé, e ainda estais em vossos pecados" (1 Cor 15,17).

É na ressurreição que está a vitória de Cristo, e também da Igreja. E, por conseguinte, também nossa. Importa, portanto, que saibamos aprofundar-nos na contemplação deste mistério, como o fizeram São João e São Paulo, para que possamos conhecer a Cristo. "Quem me vê, vê o Pai" — afirmou Ele. Esta afirmação "mostra nossa relação com Deus. Devemos vê-lo no Filho, porque esse é o modo que escolheu para se dar a conhecer a nós. Ele nos enviou o Filho. E essa missão, já o dissemos, culmina na ressurreição" (p. 72).

Em linguagem clara e acessível, o autor nos põe em contato com toda a teologia da História da Salvação. Não sobrecarrega com citações ou provas. "Não se podia pensar em justificar as exegeses escolhidas" (p. 159). "O conjunto da exposição não se baseia tão-só nos poucos textos citados, mas em uma visão geral da doutrina bíblica, e, mais ainda, de toda a tradição católica" (p. 159). Com isto a obra ganhou, e muito, pois ficou de leitura agradável e ao alcance de todos.

R. H. F.

R. RÉGANEY, O.P. — *Arte Sacra Contemporânea*, trad. do original francês por Belkiss Silveira Barbuy com a colaboração do Dr. Carlos Pinto Alves, HERDER, São Paulo, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 392 pp.

No mundo pluralista em que vivemos hoje, ocorre o perigo de, ao buscarmos a adaptação da Mensagem para o homem do século XX, iludirmo-nos pelas aparências e revestirmos a Palavra de Deus pelo que há de menos expressivo para a apresentação. Em todos os tempos, a arte sacra foi sempre a expressão da fé de um povo. Que marca deixaremos nós para o futuro? Nossas igrejas irão falar aos pósteros de nossa fé? Por isto não se trata apenas de buscar formas novas para as construções, mas, antes que tudo, nossas igrejas não podem perder o cunho sacral de que deve revestir-se o lugar santo.

ARTE SACRA CONTEMPORÂNEA não é um tratado que esgote o assunto. Mas o autor sabe apresentar muito bem os princípios gerais das "exigências e aspirações do sagrado", de modo que nos põe ao par da problemática das construções de novos templos.

"Arte sacra. Os dois termos unidos parecem convidar-nos a um estudo em dois tempos. Quais as exigências do sagrado, quais as da arte e, a respeito de cada um dos termos, como traduzir os dados específicos de nosso tempo?" (p.

15). O autor se pôs a este problema. E o resolveu satisfatoriamente. Resta-nos acompanhá-lo nas densas páginas de sua obra.

A obra se acha enriquecida de três anexos e apêndices que a valorizam e documentam, citando mesmo, na íntegra, documento da Santa Sé atinente ao assunto.

R. H. F.

YVES M. J. CONGAR — *Introdução ao Mistério da Igreja*, trad. do original francês por Petrus Gerardus Hollanders, HERDER, São Paulo, 1966, 1 vol. br., 200x140 mm, 154 pp.

Afirma-nos a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (n.º 5) que "o mistério da Santa Igreja se manifesta em sua própria fundação". Se mistério, a Igreja exige de nós maior estudo, para que possamos aprofundar-nos na "compreensão" deste mistério. Daí a importância e oportunidade desta obra de Congar (basta este nome para julgar o valor da obra), que a Herder vem lançar, em tão boa hora, para os católicos brasileiros.

São estudos redigidos entre 1937 e 1939, reunidos em livro em 1949 e editados, pela primeira vez, em 1941 e revistos pelo autor em 1956. Nada perdem, porém, em atualidade, porquanto, tanto lá, como agora, a Igreja "não pode ser compreendida por fora, pelo único caminho de uma investigação científica ou crítica" (p. 5), mas "a Igreja só é plenamente compreensível para aquele que se põe em sua perspectiva interior, e finalmente para aquele que vive nela" (p. 4).

Um livro que não pode faltar a ninguém que queira "conhecer melhor e amar mais o mistério da Igreja" (p. 6). Mistério que vivemos, no realismo da Igreja: "Cristo quer continuar sua vida na humanidade, segundo a lógica de um verdadeiro teandrismo" (p. 22). É bem verdade que nossas gerações de católicos não foram educadas nesta perspectiva de fé. Daí o vazio de nosso catolicismo. Pre-

cisamos, quanto antes, recuperar o tempo perdido e aplicar-nos a um conhecimento mais profundo da realidade da Igreja: "Do começo ao fim, é pela realização que

a Igreja se explica, é chegando a ser que ela toma consciência de si mesmo" (p. 100).

R. H. F.

L I V R O S

Da Editora Vozes, Petrópolis, RJ:

CHARLES MOELLER — *Mentalidade moderna e evangelização*, vol. II (Maria, Igreja), Coleção "Catequese Pastoral" XII (ISPAC), 1966, 1 vol. br., 220x150 mm, 228 pp.

O *Evangelho segundo Mateus* (Novo Testamento, Comentário e mensagem — vol. 1/1), comentado por Wolfgang Trilling, trad. do original alemão por Frei Edmundo Binder, O.F.M., 1966, 1 vol. enc., 185x130 mm, 320 pp.

A *Epistola aos Efésios* (Novo Testamento, Comentário e mensagem — vol. 10), comentada por Max Zerwick, S.J., trad. do original alemão por Frei Edmundo

Binder, O.F.M., 1966, 1 vol. enc., 185x130 mm, 212 pp.

WAGNER RIBEIRO — *Antologia lusobrasileira* (curso secundário), oitava edição, Editora F.T.D., São Paulo, s.d., 1 vol. br., 235x160 mm, 364 pp.

OTTOCAR ROSARIOS — *América Latina: vinte repúblicas, uma nação*, Emecê Editores, Buenos Aires-Barcelona, s.d., 1 vol. br., 180x120 mm, 286 pp.

A. GENTILUCCI — *Quem é Dom Bosco?*, Livraria Editora Salesiana, Edição brasileira, preparada pelo Secretariado Vocacional Salesiano da Inspeção N. Sra. Auxiliadora, São Paulo, 1961, 1 op. br., 150x105 mm, 40 pp.

R E V I S T A S

Do Brasil:

Boletim informativo do CERIS — jul.-setembro 1966, Rio de Janeiro.

Cidade Nova — out.-nov.-dezembro 1966, São Paulo.

Convivium — nov.-dezembro 1966, São Paulo.

Liturgia e Vida — set.-dezembro 1966, Rio de Janeiro.

O Seminário — nov.-dezembro 1966, Viçosa.

Sponsa Christi — dezembro 1966, Petrópolis (RJ).

Verbum — setembro 1966, Rio de Janeiro.

Do Exterior:

Boletim informativo do CELAM — jul.-setembro 1966, Bogotá.

Brotéria — dezembro 1966, Lisboa.

CONFER — jul.-setembro 1966, Madri.

Le Christ au Monde — vol. XI, n.º 6, Roma.

Le Mois à L'Unesco — jul.-outubro 1966, Paris.

Lumen — set.-outubro e novembro 1966, Lisboa.

Nuevo Mundo — novembro e dezembro 1966, Caracas.

Prêtres aujourd'hui — novembro 1966, Sèvres (França).

Prêtres diocésains — novembro 1966, Paris.

Rivista delle Religiose — novembro 1966, Roma.

Seminarium — jul.-setembro 1966, Roma.

Vida Religiosa — nov.-dezembro 1966, Madri.

Vinculum — julho-agosto 1966, Bogotá.